



ASSOCIAÇÃO **COMUNIDADE**
PAPA GIOVANNI XXIII
FUNDADA EM 1968 POR PADRE ORESTE BENZI



Carta de Fundação, Estatuto e Diretório

Associação
“Comunità Papa Giovanni XXIII”

DIRETÓRIO

Diretório para a atuação
das normas contidas no Estatuto
e para a aplicação à atual situação histórica
das linhas de vida espiritual contidas
na Carta de Fundação

*Texto aprovado pelo Conselho dos Responsáveis
no dia 25 de março 2011*

INDICE

I INTRODUÇÃO

2-6 CAPÍTULO I
A NOSSA IDENTIDADE E CARISMA

7-13 CAPÍTULO II
A VOCAÇÃO NOS DIFERENTES ESTADOS DE VIDA

- 7. Sacramento do Matrimônio
- 8. Sacerdotes
- 9. Diáconos permanentes
- 10. Virgens e solteiros consagrados
- 11. Solteiros
- 12. Viúvos
- 13. Separados e divorciados que vivem segundo o ensinamento do Magistério da Igreja

14-30 CAPÍTULO III
A NOSSA ESPIRITUALIDADE

- 14-19. Sobre a espiritualidade específica

A) OS CINCO PONTOS

20. Compartilhar a vida dos últimos
21. Conduzir uma vida de pobres
22. Dar espaço à oração e à contemplação
23. Deixar-se guiar na obediência
24. Vivendo a fraternidade

B) AS TRÊS DIMENSÕES

25. A remoção das causas que criam a injustiça e a marginalização
26. A missionariedade: fazer de Cristo o coração do mundo
27. A consciência de povo

C) A FORMAÇÃO

28. A formação no PVV
29. A formação permanente
30. Principais momentos formativos gerais

CAPÍTULO IV

31-36 A VOCAÇÃO NOS VÁRIOS ÂMBITOS DE VIDA

31. Em cada âmbito
32. A família
33. A Casa-família
34. A Casa de oração
35. A Casa de Fraternidade
36. As outras realidades de acolhida

CAPÍTULO V

- 37 A COMPARTILHA ENTRE AS PESSOAS NA ÚNICA HUMANIDADE
37. Missão “ad gentes”

CAPÍTULO VI

- 38-40 A COMUNIDADE E O MUNDO
38. Empenho social e político
39. A Sociedade da Gratuidade
40. Paz e Nãoviolência

CAPÍTULO VII

- 41-82 ESTRUTURA COMUNITARIA
41. Língua oficial da Comunidade
42. Modalidade de votação e eleição

A) AS PROVÍNCIAS

43. Definição de Província
44. Responsável provincial
45. Núcleos
46. Jornada Comunitária
47. Outros momentos comunitários
48. Serviços comunitários provinciais
49. As Províncias gêmeas

B) OS SERVIÇOS GERAIS

50. Definição de Serviço Geral
51. “Anjo da guarda” do Serviço Geral

Atuais Serviços Gerais
a) SERVIÇOS PREVALENTEMENTE
DE ANIMAÇÃO

52. Acolhida Adultos
53. Animação Missionária
54. Anti-seitas ocultas
55. Antitráfego
56. Crianças
57. Cadeia
58. Compartilha idosos
59. Compartilha de rua
60. Compartilha Jovens
61. Coordenação Arte
62. Justiça
63. Justiça menor
64. Portadores de Deficiência
65. Imigração
66. Legal
67. Liturgia
68. Maternidade Difícil e Vida
69. Menor e Guarda-familiar
70. Objeção de consciência e Paz
71. Operação Pomba Branca
72. Pastoral dos surdos e de apoio às famílias
73. Político
74. Rom e Sintos
75. Escola
76. Toxicodependência

b) SERVIÇOS PREVALENTEMENTE
DE SUPORTE À GESTÃO

- 77. Secretaria Geral
- 78. Administração Geral
- 79. Fund Raising
- 80. Editor “Sempre”
- 81. Audiovisual APG23
- 82. Centro Documentação

CAPÍTULO VIII

83-84 ENTIDADES PROMOVIDAS PELA
COMUNIDADE

- 83. Consórcio “*Condividere Papa Giovanni XXIII*”
- 84. Associação “*Condivisione fra i popoli*”

CAPÍTULO IX

85-88 ÓRGÃOS A SERVIÇO DA VIDA COMUNITÁRIA

- 85. Assembléia da Associação
- 86. Responsável Geral
- 87. Vice - Responsável Geral
- 88. Conselho dos Responsáveis

89 CONCLUSÃO

- 89. A instituição a serviço do carisma

INTRODUÇÃO

I. O Conselho dos Responsáveis, atuando quanto previsto pelo art. 21 do Estatuto, aprova o presente Diretório para a atuação das normas contidas no Estatuto e para a aplicação à atual situação das linhas de vida espiritual contidas na Carta de Fundação.¹

No texto que segue o Conselho dos Responsáveis quis manter algumas idéias, aprofundamentos e ênfases que padre Oreste Benzi, fundador da Comunidade, tinha inserido nas versões antecedentes do Diretório; a estes textos foram acrescentados novos textos extraídos de outros documentos escritos por ele ou de palestras realizadas por ele, evidenciadas graficamente («») com a fonte de referência em nota de rodapé.

¹ Cf. Palestra conclusiva de padre Oreste aos Três Dias Gerais sobre “Vida de pobres” – 27/05/2007

O Conselho dos Responsáveis também fez a escolha de não sobrecarregar o texto, nem aumentar o volume com anexos, referindo-se a outros documentos comunitários os necessários aprofundamentos, inserindo em nota de rodapé na página claras indicações sobre as modalidades de encontrar estes documentos, utilizando no melhor modo possível o site internet da Comunidade (www.apg23.org).

CAPÍTULO I

A nossa identidade e carisma

2. A Associação “Comunità Papa Giovanni XXIII”², fundada por padre Oreste Benzi, é uma associação privada³ internacional de fiéis com Direito Pontifício, com personalidade jurídica, segundo os cânones 298-311 e 321-329 do código de Direito Canônico⁴, reconhecida pelo Pontifício Conselho para os Leigos em maneira definitiva no dia 25 de março 2004, depois de um período ad experimentum de 5 anos aprovado em data 07 outubro 1998.

Os membros da comunidade são chamados a viver a regra de vida dos associados: «*Segundo a própria con-*

2 A partir daquele momento Comunidade

3 O Direito Canônico distingue dois tipos de associações: as associações privadas, que são constituídas por iniciativa dos fiéis (can. 299) e as associações públicas, instituídas diretamente pela autoridade eclesiástica (can. 301). Esta distinção se relaciona com a distinção mais geral feita no Código de Direito Canônico entre pessoas jurídicas privadas e públicas (can.116)

4 Cf. Decreto do Pontifício Conselho para os Leigos do dia 25/03/2004

dição de vida e no respeito dos deveres do próprio estado de vida, os associados procuram a conformidade a Cristo pobre, servo e sofredor, na partilha direta da vida dos últimos conduzindo uma vida de pobres, com a consciência de não ser patrão, mas administrador dos bens de Deus; procuram fazer da união com Deus uma dimensão de vida dando espaço à oração e à contemplação; utilizando ajuda espiritual de caráter individual e comunitário oferecidos pela Associação, e, em particular, dos periódicos encontros de espiritualidade e formação e do serviço de confirmação e de guia exercitado pelos Responsáveis segundo as modalidades previstas pela Carta de Fundação; vivendo em comunhão de vida fraterna com os Responsáveis e com os outros Associados.»⁵

3. A Comunidade é uma única família espiritual composta por pessoas de diferentes idades e estado de vida, que reconhecem em si a específica vocação da Comunidade⁶ e escolhem que a autoridade lhes garanta o caminho na vocação e na Comunidade.

A obediência é o critério concreto para ser admitidos na Comunidade⁷.

⁵ Cf. Estatuto, art. 7. Regra de vida dos associados

⁶ Cf. Carta de Fundação (CdF): 1) O carisma da Comunidade. Seguir Jesus pobre e servo

⁷ Cf. CdF: 2) Aprofundamento dos 5 pontos. 4. Deixar-se guiar na obediência

4. Todos aqueles que entendem se tornar membros da Comunidade, segundo quanto estabelecido pelo art. 6 do Estatuto, vivem um Período de Verificação Vocacional (PVV), com duração não inferior a um ano, inserindo-se plenamente na vida comunitária e utilizando todos os instrumentos e momentos de formação organizados para favorecer tal verificação.

O pedido de admissão ao PVV deve ser endereçado ao Responsável Geral que formalizará o acolhimento do pedido por meio de carta escrita, levada ao conhecimento do Conselho dos Responsáveis na primeira reunião útil.

No final do PVV o candidato deve apresentar pedido escrito no qual declara de reconhecer em si a vocação. O Responsável Geral, ouvindo o parecer do Conselho dos Responsáveis, redige a carta de confirmação ao novo membro de Comunidade, contendo os detalhes da data da reunião e a modalidade de gestão do dinheiro e dos bens pré-escolhida.

Podem se tornar membros da Comunidade todos aqueles que completaram 18 anos de idade, salvo motivadas exceções.

Podem ser membros de Comunidade, também portadores de deficiência psíquica, também se não forem em grau de entender. Eles são representados nas escolhas que a Comunidade faz pelos pais naturais, com a guarda-familiar, adotivos membros de Comunidade.

- 5.** Fazem parte Comunidade irmãos e irmãs que:
- a) vivem no matrimônio fundado sobre o sacramento nupcial;
 - b) vivem no sacerdócio e no diaconato permanente;
 - c) vivem no estado de virgindade e solteiros consagrados;
 - d) vivem como solteiros;
 - e) vivem a condição de viuvez;
 - f) vivem a condição de separados ou divorciados segundo o ensinamento do Magistério da Igreja.

Em cada um destes estados de vida quem é chamado à consagração pode emitir os votos em conformidade ao próprio estado de vida: votos de virgindade, pobreza e obediência; votos de castidade conjugal, pobreza conjugal, obediência conjugal; votos de castidade de viuvez, pobreza, obediência.

É também possível emitir separadamente cada voto.

Os consagrados chamados a viver a vocação evidenciando o aspecto da oração e da consagração podem emitir o voto de estabilidade, que torna definitiva a escolha de vida contemplativa e os consagra ao coração da nossa espiritualidade: Jesus pobre e servo, sofredor e ressuscitado, que expia o pecado do mundo.

6. A Comunidade, em virtude da própria vocação, atua uma presença peculiar com os pobres e desenvolve uma ação para combater esta pobreza. Ela coloca o próprio carisma a serviço das Paróquias e das Dioceses onde se encontra, seja colaborando com os planos pastorais naquilo que diz respeito aos pobres, seja promovendo iniciativas a favor deles, seja convergindo segundo o próprio carisma nas escolhas pastorais diocesanas e paroquiais, acolhendo e valorizando as orientações e os programas propostos pelos Bispos e referindo a eles a própria específica colaboração para que seja aprofundada.⁸

⁸ Texto já presente na *Base Normativa* [Base de regulamentação], aprovada pelo Bispo de Rimini Mons. Locatelli com decreto próprio datado 25/05/1983.

CAPÍTULO II

A vocação nos diversos estados de vida

7. Sacramento do matrimônio

Os casais na Comunidade vivem a própria vida em base ao sacramento do Matrimônio e à vocação específica da Comunidade.

Em virtude do sacramento do Matrimônio, os casais na Comunidade são o sinal visível do amor que Cristo há por seu povo. Eles se sustentam reciprocamente e na Comunidade são os primeiros educadores dos noivos ao amor que Cristo há por seu povo.

O relacionamento conjugal é caracterizado ulteriormente pela vocação através do ministério dos pobres. Cada casal, examinando com amor e simplicidade a própria condição, toma em séria consideração a possibilidade de acolher na própria casa quem é mandado pelo Senhor, com a garantia da Comunidade e da autoridade. Sob a ação do Espírito Santo os cônjuges podem emitir os votos de pobreza conjugal, castidade conjugal e obediência conjugal, com o objetivo de viver em profundidade a vocação,

reforçar a unidade conjugal, ligar-se à Comunidade em maneira mais firme. Eles, percebendo a própria fragilidade, pedem assim uma ulterior graça ao Espírito Santo.

Se ambos os cônjuges seguem este caminho de santificação, todas as escolhas são feitas na vocação; se somente um dos dois é membro da Comunidade, será a vida de quem percorre este caminho a ser determinada pela vocação, com viva atenção ao outro cônjuge, sem reduzir o empenho interior de quem é chamado a seguir Jesus pobre e servo.

8. Sacerdotes

Os sacerdotes que são chamados a seguir Jesus pobre e servo caracterizam ulteriormente o próprio sacerdócio com esta vocação.

Os sacerdotes que reconhecem em si esta vocação vivem a espiritualidade que consiste em deixar-se guiar no caminho espiritual interior da compartilha com os pobres e com os últimos que se tornam seus mestres de fé e atuam assim em maneira particular quanto é estabelecido pela Igreja no Decreto do Concílio Vaticano II sobre a vida sacerdotal, *Presbyterorum ordinis*, n. 6: «Aos presbíteros são confiados em modo especial os pobres e os mais fracos».

Eles colocam o próprio ministério sacerdotal a

serviço da Comunidade no respeito de quanto estabelecido no art. 8 do Estatuto.

Podem ser eleitos como todos os outros membros: Responsável Geral; Responsável Provincial; delegados a tarefas inerentes à gestão da Comunidade.

9. Diaconos permanentes

Os diaconos permanentes têm como tarefa específica o serviço da caridade, no significado profundo de serviço do Corpo Místico de Cristo: é o serviço ao interno da Igreja que faz sim que os membros se sintam uns dentro dos outros e vivam um pelo outro até o ponto de sentir a alegria de ser um povo só.

O carisma da Comunidade os conduz a cuidar especialmente da honra dos membros considerados mais fracos⁹.

«A nascente da qual os diaconos permanentes pegam força é o amor crucificado de Cristo, a Eucaristia. Eles levam sobre o altar toda a carga do próprio empenho de vida, para que seja tirada a laceração do Corpo de Cristo e para que todos os membros formem um só coração e uma só alma.»¹⁰

⁹ «*Alias, os membros do corpo que parecem ser os mais fracos são os mais necessários*» (1Cor 12,22)

¹⁰ Palestra de padre Oreste Benzi aos ministros instituídos da província de Rimini no dia 21/07/1992

10. Virgens e solteiros consagrados

As irmãs e os irmãos chamados à conformidade a Cristo, além que no aspecto de ser pobre, servo e sofredor, também no seu estado virginal, são um dom para toda a Comunidade como os irmãos chamados ao matrimônio.

Chamam a nossa atenção a não dar por absoluto o provisório e a antecipar no tempo o futuro que nos espera, assim como a família chama a atenção de toda a comunidade ao empenho concreto e no presente, no Senhor.

Os virgens e os solteiros consagrados, vivendo plenamente imersos na realidade do mundo, chamam a atenção à essencialidade e ao tempo futuro que nos espera. Protetores do eterno, peregrinos no tempo, olham para o alto profundamente unidos aos irmãos.

O voto emitido implica conseqüentemente a escolha de viver a gestão do dinheiro e dos bens somente na modalidade da caixa-comum ou da pobreza extrema.

As virgens e os solteiros consagrados são dons especiais para os irmãos que não conseguem ter uma família própria. Através dos consagrados eles podem melhor compreender que o homem tem um valor independentemente do estado de vida.

As irmãs e os irmãos consagrados e aqueles que vivem a vocação matrimonial se sustentam recipro-

camente. Espera-se que isso se realize também vivendo juntos.

As irmãs e os irmãos chamados pelo Senhor a doar-se completamente a Ele e aos últimos na virgindade, depois de ter obtido a confirmação do Responsável Geral, podem emitir os votos de virgindade, pobreza e obediência na Comunidade que, feliz pelo dom recebido pelo Senhor, se empenha em sustentá-los.

Após a confirmação do Responsável Geral, o irmão/irmã inicia a verificação ao chamado aos votos. Os candidatos à consagração viverão um período adequado de discernimento e de preparação, também através de encontros de nutrição vocacional, de formação e sustento.

Os votos temporários podem ser renovados mais de uma vez. É o Responsável Geral que estabelece tempos e modos, no respeito do caminho pessoal e das indicações do Código do Direito Canônico. Os votos normalmente são emitidos durante a Eucaristia comunitária nas mãos do Responsável Geral.

A Comunidade será atenta em tornar possível aos consagrados formas de vida que os ajudem a ser resposta ao grito que dos pobres sobe a Deus.

A dispensa dos votos, que deverá seguir o percurso canônico previsto pela Igreja, deve necessariamente ser confirmada pelo Responsável Geral.

II. Solteiros

«Os solteiros atingem a plenitude da santidade através da vocação e participam plenamente da missão de salvação da Igreja através da vocação, também se não se casam e não se consagram. O estado deles de solteiros, no qual o Senhor habita em plenitude, se torna o estado de vida deles.»¹¹

«Também aqueles que vivem este estado de vida em maneira não definitiva são chamados a deixar-se preencher pelo amor de Deus presente neles e a empenhar toda a própria vida em transmitir a alegria que vem do amor vivido na própria condição e a doar-se a todos aqueles que não sabem o que quer dizer ser amados.»¹²

12. Viuvez

«O estado de viuvez aceitado e doado ao Senhor é caminho para alcançar a santidade, para construir o Reino de Deus, para participar à missão de salvação da Igreja.»¹³

¹¹ Cf. *Lettera Trimestrale* [Carta Trimestral] de padre Oreste Benzi N. 37 do 15/08/2004, pag. 5

¹² Cf. *Lettera Trimestrale* de padre Oreste Benzi N. 23 do 15/02/2001, pag. 7

¹³ *Lettera Trimestrale* de padre Oreste Benzi N. 37 do 15/08/2004, pag. 6

«Com a morte a vida não termina, mas se transforma e entra na sua plenitude. O amor natural transformado em sacramento permanece sempre transfigurado pelo sacramento. O amor ao cônjuge permanece princípio vital que preenche todas as dimensões da vida dos viúvos. Com a morte do marido/esposa o amor não termina, mas continua a crescer.»¹⁴

«Os viúvos são uma imensa riqueza de amor pela particular condição de vida vivida.»¹⁵ «Eles podem desenvolver e aumentar a própria paternidade e maternidade regenerando no amor os filhos que não foram gerados biologicamente.»¹⁶

Além disso, é possível consagrar a própria viuvez ao Senhor emitindo os votos: «é um dom grande porque se consagra na Comunidade, para a Igreja.»¹⁷

¹⁴ *Lettera Trimestrale* de padre Oreste Benzi N. 11 do 15/02/1998, pag. 21

¹⁵ *Lettera Trimestrale* de padre Oreste Benzi N. 23 do 15/02/2001, pag. 8

¹⁶ *Lettera Trimestrale* de padre Oreste Benzi N. 44 do 15/05/2006, pag. 16

¹⁷ *Lettera Trimestrale* de padre Oreste Benzi N. 37 do 15/08/2004 pag.6

13. Separados e divorciados que vivem segundo o ensinamento do Magistério da Igreja

Os irmãos/ irmãs que se separam ou divorciaram não por própria responsabilidade, que vivem segundo o Magistério da Igreja, são um lindo testemunho da fidelidade conjugal que se exprime na indissolubilidade do Matrimônio também quando é abandonado pelo próprio cônjuge. Vivendo no perdão e na doação total a Cristo e aos pobres experimentam a condição do pobre que coloca a própria confiança somente no Senhor.

CAPÍTULO III

A nossa espiritualidade

14. A Espiritualidade é a vida no Espírito Santo que desenvolve a nossa identidade em Jesus pobre e servo, sofredor e ressuscitado, que expia o pecado do mundo e compartilha a vida dos últimos.¹⁸

Esta específica espiritualidade:

- nos faz crescer no caminho de santidade;
- nos faz construir a Igreja;
- nos torna participantes da sua missão universal de salvação.

«A única vocação é comunicada a todos os membros da Comunidade, mas a compreensão da vocação como um todo não é dada aos indivíduos; a cada um é dada a compreensão de aspectos da vocação; a compreensão total se tem na medida que se vive juntos.»¹⁹

¹⁸ O Texto completo aqui citado, sucessivamente no Diretório será abreviado em “Jesus pobre e servo”

¹⁹ Extraído da revista *Sempre*, de padre Oreste Benzi N. 4 abril - maio 1982

«Na nossa singularidade em comunhão somos um povo em uma festa sem fim.»²⁰

15. Devemos amar a nossa espiritualidade porque é a nossa vida como um todo que nos torna presentes na Igreja e na história. É nesta espiritualidade que crescemos em todos os estados de vida e em todos os âmbitos de vida.

Esta nossa espiritualidade não pode ser substituída, nem confundida com outras espiritualidades. Quando esta nossa espiritualidade é deixada de lado, diminui a fecundidade da vocação e o nosso caminho na Igreja e na história se torna ineficaz.

A espiritualidade da Comunidade se exprime com a vida e dá origem à cultura da compartilha nas suas várias expressões no meio dos vários povos

16. Iluminados pelo Espírito Santo, os membros da Comunidade se tornam promotores de formas de compartilha direta. São vulcões de iniciativas de amor. Obtida a confirmação que as inspirações vem do Senhor, devem ser ajudados a levar enfrente a novidade do Espírito na Comunidade inteira. Os membros da Comunidade devem ser sempre encorajados, apoiados, amados, também nas ações mais difíceis e arriscadas.

²⁰ Palestra de padre Oreste Benzi aos consagrados do 09/05/2006

17. Bem sabendo que não se pode dar por caridade aquilo que é devido por justiça, e que a compartilha direta contém em si mesma a justiça, os membros da Comunidade lutam abertamente para libertar a verdade mantida acorrentada na injustiça.

O empenho para a evangelização e a libertação dos últimos é a medida da vitalidade da Comunidade

18. Os membros da Comunidade querem colocar Jesus no centro do próprio coração, para fazer de Cristo o coração do mundo. A Carta de Fundação indica 5 pontos para ver, constatar, demonstrar que eles vivem o específico interior e o específico visível da vocação, 5 linhas guias sobre as quais confrontar-se constantemente no alegre caminho de conformação a Cristo.²¹

A vida de vocação abre sucessivamente a 3 dimensões maravilhosas²²: a remoção das causas da marginalização; a dimensão missionária como modo de ser para fazer de Cristo o coração do mundo; a consciência de povo. Através delas os membros da

²¹ Na exposição de todos os 5 pontos foram eliminadas todas as frases já contidas na CdF que não são indispensáveis para o desenvolvimento do texto proposto em cada parágrafo. O Diretório deve ser lido tendo contemporaneamente nas mãos o texto da CdF e do Estatuto

²² Cf. Carta de padre Oreste Benzi contida na *Lettera Trimestrale* N. 37 do 15/08/2004, pag. 35

Comunidade podem realizar “*novos céus e uma nova terra*” (2Pd 3,13), aquela nova sociedade que chamamos “Sociedade da Gratuidade”.

19. A vivacidade é uma característica da missionariedade. A alegria é o sinal que a vida no Senhor é bela. A vida na alegria faz sim que os membros da Comunidade se tornem o ímã de Jesus.

A) OS CINCO PONTOS

20. Compartilhar a vida dos últimos

Os membros da Comunidade perseguem na alegria a conformidade a Cristo pobre e servo, na partilha direta da vida dos últimos.²³

Os membros da Comunidade esclarecem a si mesmo em qual modalidade o Senhor os chama a compartilhar diretamente, pedindo ajuda aos irmãos da Comunidade para fazer este discernimento e submetendo-se à confirmação da autoridade.

«O Senhor nos ajudou a não reduzir a partilha direta a uma só forma ou modalidade. A partilha direta é um modo de ser que se atua em mil

²³ Cf. CdF 2) Aprofundamento dos 5 pontos 1. Compartilhar a vida dos últimos

modos que continuamente o Espírito Santo suscita, dando-nos a possibilidade de ser contemporâneos à história.»²⁴

Todas as formas de compartilha direta não excluem por si mesmas a acolhida na própria casa, que é a visibilidade plena do dom da compartilha direta.

Através da compartilha direta descobrimos cada dia que aquilo que os últimos nos pedem é de colocar a nossa vida com a vida deles sem reservas, deixando-nos transformar e modificar para conseguir acolher e amar a pessoa deles, frequentemente ferida e desesperada.

«A compartilha direta marca os primórdios de uma nova humanidade na qual o passo na história é marcado pelos pobres.»²⁵

21. Conduzir uma vida de pobres

Os membros da Comunidade conduzem uma vida de pobres.²⁶

²⁴ Das meditações de padre Oreste Benzi nos Três Dias Bíblicos de julho 1990 sobre o “Apocalipse” (textos que ainda não foram publicados)

²⁵ Extraído da *Lettera Trimestrale* de padre Oreste Benzi N. 32 do dia 15/05/2003, pag.16

²⁶ Cf. CdF 2) Aprofundamento dos 5 pontos 2. Conduzir uma vida de pobres

«Eles são administradores dos bens de Deus, não proprietários: este é um dos aspectos mais revolucionários da Comunidade.

Todos os membros da Comunidade são chamados a prestar contas de como administram o dinheiro e os bens que vem a possuir. Esta escolha é muito forte porque liberta realmente a pessoa, não lhe permite compromissos ou enganar.»²⁷

Atualmente o relacionamento dos membros da Comunidade com o dinheiro e os bens dos quais vem a possuir pode ser em 4 modalidades diversas.

«Cada modalidade é um dom do Senhor para realizar o chamado pessoal a viver a vida de pobres.»²⁸

1) Administração pessoal do dinheiro e dos bens que se possui. «Além da prestação de contas sobre como se administra o dinheiro e os bens que se possui, é pedido de se confrontar preventivamente no Núcleo ou em Comunidade sobre as despesas e sobre as escolhas econômicas mais relevantes que se entende fazer.»²⁹

Aqueles que vivem este tipo de administração

²⁷ Cf. Palestra conclusiva de padre Oreste Benzi aos Três Dias Gerais sobre “Vida de pobres” – 27/05/2007

²⁸ Cf. idem

²⁹ Cf. idem

“mantém para si somente o necessário para viver pobremente e o resto restitui aos últimos em diferentes modos, segundo o estado e o âmbito de vida, decidindo juntos ao Núcleo com a confirmação do responsável da Comunidade, que a guia no Senhor.”³⁰

2) Administração comum do dinheiro e dos bens que a Comunidade e os indivíduos vem a possuir.

As várias realidades e os indivíduos que participam desta gestão comum do dinheiro e dos bens recebem uma soma mensal (denominado “teto”) que é revisto anualmente, seguindo os critérios e os procedimentos estabelecidos pelo Conselho dos Responsáveis. Todas as entradas daqueles que participam desta gestão comum do dinheiro e dos bens são colocadas na administração comum e cada um pega segundo a própria real necessidade. Para fazer frente a despesas não ligadas à gestão da vida comum é prevista a possibilidade de pedir contribuições extras, seguindo os critérios e os procedimentos estabelecidos pelo Conselho dos Responsáveis.

O dinheiro e as propriedades possuídas antes de escolher esta modalidade de administração comum e as eventuais heranças recebidas sucessivamente

³⁰ Cf. CdF 2) Aprofundamento dos 5 pontos 2. Conduzir uma vida de pobres

são consideradas separadas: não é obrigatório colocá-las na administração comum. Esta modalidade é obrigatória para todos aqueles que vivem nas casas-famílias. É também obrigatória para a gestão das várias casas de acolhida, das comunidades terapêuticas e dos serviços gerais e províncias.

Todos aqueles que participam da administração comum dos bens não se limitam a pedir, mas se empenham a contribuir economicamente.

3) Caixa-comum. Quem vive esta modalidade renuncia livremente a cada propriedade, respeitando as leis em vigor, doando tudo na caixa-comum da Comunidade, também os bens possuídos precedentemente, e pega o necessário para viver pobremente segundo o teto estabelecido e os eventuais extras. Estes bens se tornam de toda a Comunidade, restituindo-os em particular aos pobres.

4) A pobreza extrema. «Viver como os pobres, sem seguranças! Aqueles que querem viver assim, prestam contas à Comunidade como cada membro é chamado a fazer, para despojar-se de si e deixar-se preencher por Jesus pobre e servo.»³¹

³¹ Cf. Palestra conclusiva de padre Oreste aos Três Dias Gerais sobre “Vida de pobres” – 27/05/2007

Quem vive esta modalidade deve estabelecer um teto de despesas pedindo a confirmação.

No momento em que se escolhe a Comunidade, cada novo membro esclarece a si mesmo e à Comunidade, com a confirmação da autoridade, qual modalidade de administração do dinheiro e dos bens escolhe para si mesmo.

Em uma progressão de vida interior, na contínua busca de fazer a vontade de Deus para ser verdadeiramente e efetivamente pobres, cada membro da Comunidade pode modificar a modalidade de administração dos bens e do dinheiro, pedindo a confirmação.³²

22. Dar espaço à oração e à contemplação

Os membros da Comunidade procuram fazer da união com Deus uma dimensão de vida e dão espaço à oração e à contemplação.³³

Sabendo que «não se fica de pé se não se fica de

³² Para consultar o texto sobre as 4 modalidades: cf. Regulamento para uma melhor organização das atividades, art. 3, reescrito na *Lettera Trimestrale* de padre Oreste Benzi N. 29 do 15/08/2002, pag. 62-68

³³ Cf. CdF 2) Aprofundamento dos 5 pontos 3. Dar espaço à oração e à contemplação

joelhos»³⁴, cada membro da Comunidade utiliza os instrumentos indicados na Carta de Fundação (a Palavra de Deus, a Eucaristia e o Sacramento da Reconciliação, a Liturgia das horas, a adoração e o acompanhamento espiritual) na medida da própria maturidade alcançada no caminho de conformação a Cristo.

No relacionamento de confiança e de amor que buscam desenvolver com Maria, Ela que é «o caminho breve para chegar a Jesus», os membros da Comunidade rezam o terço, «para poder recomeçar Dele em cada momento da própria vida.»³⁵

É essencial que os membros da Comunidade esclareçam a si mesmos e prestam contas aos irmãos de Núcleo dos instrumentos de oração por eles individuados e escolhidos para progredir na união com Deus.

Cada membro da Comunidade se empenha de nunca abandonar, por quanto seja possível, os momentos de oração definidos obrigatórios, como o deserto anual e a celebração eucarística comunitária.

34 Frase muitas vezes repetida por padre Oreste Benzi. Por exemplo, cfr. DON ORESTE BENZI, *Con questa tonaca lisa* [Com esta túnica consumada], Edição San Paolo, 2001, pag. 17

35 Cf. PADRE ORESTE BENZI, *Il sì di Maria* [O sim de Maria], Sempre Edições, 2005, pag. 22-23

É tarefa dos Responsáveis provinciais ajudar aqueles que não participam a encontrar o modo de participar.

Nas várias províncias são preparadas as celebrações comunitárias do Sacramento da Eucaristia, possivelmente semanal ou pelo menos mensais, às quais todos os membros são obrigados a participar. São preparadas também as celebrações comunitárias do Sacramento da Reconciliação, valorizando adequadamente os períodos litúrgicos.

Os membros da Comunidade são chamados a serem contemplativos de Deus no mundo «para serem contemporâneos à história e capazes de lerem juntos o significado dos sinais dos tempos.»³⁶

Viver na graça de Deus faz crescer todos os membros da Comunidade e gera alegria.

23. Deixar-se guiar na obediência

Os membros da Comunidade vivem a obediência como dom criativo de vida para si, para a Comunidade e como dom que os liberta da estéril solidão e de pensar somente em si mesmos.³⁷

³⁶ Cf. *Lettera Trimestrale* de padre Oreste Benzi N. 32 do 15/05/2003, pag.18

³⁷ Cf. CdF 2) Aprofundamento dos 5 pontos 4. Deixar-se guiar na obediência

Os membros da Comunidade escolhem de caminhar juntos (= obedecer) como modo de ser que surge de reconhecer-se membro que vive do Corpo de Cristo, participantes da íntima unidade estrutural da Igreja.

Reconhecem a função essencial da autoridade na Comunidade, autoridade que deriva da única autoridade que é Cristo.

A Comunidade não é uma organização, mas uma comunhão no Espírito.

Nas escolhas da própria vida os membros da Comunidade são obrigados a exprimir todas as motivações, aspirações e desejos, entregando-se com confiança à obediência. A obediência é o critério para continuar a viver splendidamente a vocação na Comunidade.

Os membros podem assim experimentar a obediência criativa, eficaz e responsável, bem sabendo que cada um é chamado a levar a sua unicidade em um diálogo construtivo e leal. A confirmação permanece à autoridade.

Os membros da Comunidade aceitam com boa vontade que a autoridade tenha uma iniciativa de proposta e de pedido de obediência.

A garantia do caminho pessoal e comunitário é dada, de fato, pela autoridade que tem a tarefa fundamental de garantir:

- A ortodoxia, isto é, a exata interpretação da natureza e dos conteúdos da vocação;
- A ortopraxes, isto é, a genuína encarnação do caminho da Comunidade que o Senhor indica no tempo presente, aqui e agora.

O Responsável Geral e os Responsáveis provinciais em uma unidade profunda e total com ele são os garantes da unidade. “*O Responsável de toda a Comunidade exercita o serviço de confirmação e guia no caminho vocacional. O Responsável provincial exercita um serviço de autoridade participada que lhe deriva do ser em comunhão e em obediência com o Responsável de toda a Comunidade*”³⁸.

É essencial que cada membro de Comunidade cresça na consciência comunitária, participando aos atos comuns definidos essenciais na própria província e na Comunidade geral.³⁹

³⁸ Cf CdF Aprofundamento dos 5 pontos 4. Deixar-se guiar na obediência

³⁹ Cf. Livrinho *Vengo, Signore, per fare la tua volontà* [Venho, Senhor, para fazer a tua vontade], Escola de Comunidade N. 6, de padre Oreste Benzi

24. Vivendo a fraternidade

Os membros da Comunidade vivem a fraternidade.⁴⁰

Não estão juntos por afinidade e empatia, mas porque chamados pelo Senhor a percorrer o mesmo caminho de santificação.

«A fraternidade é a consequência de uma experiência mística: descobrir de ser filhos de Deus; não é um fruto de um propósito, é fruto de uma conversão. Se o relacionamento com Deus for fraco diminui também o relacionamento com o irmão.»⁴¹

A fraternidade, específico credível da nossa espiritualidade nos treina ao diálogo com o outro sempre e de qualquer modo, além de todas as barreiras ou incompreensões.

«O Núcleo é um grande dom do Senhor como resposta à necessidade de viver pessoalmente aquilo que a Comunidade inteira é chamada a viver.»⁴²

Os núcleos desenvolvem uma função essencial na

40 Cf. CdF 2) Aprofundamento dos 5 pontos 5. Vivendo a fraternidade

41 Escola de Comunidade “Fraternidade e vida”, de padre Oreste Benzi aos R/Provinciais do 28/02/2002

42 Cf. Carta sobre a vida de Núcleo de padre Oreste Benzi a toda a Comunidade, datada no ano 1992, Documento preparatório N. 2 dos Três Dias Gerais 6-8 junho 2008

vida comunitária: nos núcleos as pessoas podem experimentar concretamente a ajuda recíproca, o confronto, o perdão, a correção fraterna que surge do amor recíproco.

A correção fraterna se atua comunicando ao irmão os próprios sentimentos e os próprios pensamentos suscitados por certos seus comportamentos para confrontar-se e esclarecer a situação com caridade e sem julgamento, como dom de amor. A correção fraterna nasce também da estima que se tem pelo irmão sobre o qual se tem perplexidades ou impressões negativas.

A correção fraterna deve ser precedida pela oração juntos e pela invocação do Espírito Santo.

A correção fraterna é a escolha de se perdoar e de se reconciliar.

Os irmãos e as irmãs membros de Comunidade podem escolher de viver juntos seja para tornar visível o grande dom da fraternidade, seja para responder ao grito dos pobres.

A fraternidade alegre, livre e criativa constitui um sinal importante da presença do Reino, e unida à compartilha direta, torna concreto o vulto acolhedor de Deus.

B) AS TRÊS DIMENSÕES

25. A remoção das causas que criam injustiça e marginalização

O nosso modo de estar com o pobre em qualquer que seja o âmbito e o estado de vida é a partilha direta. Ela nasce do amor do pobre e produz também o amor ao pobre. Então é esta partilha que impulsiona a eliminar as causas que provocam a necessidade.

A partilha direta contém em si mesma a justiça. Por isso o empenho para remover as causas que criam marginalização é conexo à vida de partilha, tornando-a plena e credível.

«Este é um dos aspectos mais característicos da nossa vocação. Não podemos nos limitar a socorrer as vítimas desta sociedade: devemos ir além, até o ponto de impedir à sociedade de continuar a fazer vítimas.»⁴³

«Não basta colocar os ombros sobre a cruz do irmão; precisa bloquear quem fabrica as cruces. Não se pode matar a fome do faminto e depois caminhar alegremente de mãos dadas com quem gera a fome.

O empenho pela justiça é então fundamental. Nós nos dirigimos a quem tem o poder de oprimir ou

43 Cf. *Lettera Trimestrale* de padre Oreste Benzi N. 2 do 15/11/1995, pag. 7

de libertar para que sejam removidas as causas da injustiça.»⁴⁴

Esta visão nos leva ao coração de todos os acontecimentos históricos e nos impulsiona a nos empenhar seriamente no social, para dar voz a quem não tem voz e lutar em modo não-violento.

As ações de remoção das causas que criam marginalização são muitas.

As causas da marginalização são removidas tornando inúteis com a guarda-familiar os orfanatos; tornando ativos e protagonistas na sociedade e na Igreja todos os oprimidos, dando oportunidades aos últimos de resgatar-se, libertando os escravos e as escravas, desenvolvendo a Sociedade da Gratuidade, difundindo a compartilha.

Para realizar esta dimensão é necessário que cada membro da Comunidade:

- entenda as causas que deram origem ao mal-estar daqueles com os quais compartilha a vida;
- conheça as soluções que a Comunidade propõe para a remoção das causas nos diversos campos da marginalização;

44 DON ORESTE BENZI, *Con questa tonaca lisa*, Edição San Paolo, 2001, pag. 61-62

- faça próprias as ações que a Comunidade leva em frente para remover as causas que criam marginalização e injustiça;
- Proponha, especialmente aos jovens, a participação às ações de liberação promovidas pela Comunidade.

Não se pode dar por caridade aquilo que por justiça é de direito. Precisa lutar abertamente para libertar a verdade mantida acorrentada na injustiça.

Intimamente ligada à justiça é a sociedade da Gratuitude que é necessária realizar. O empenho para a evangelização e liberação dos últimos é a medida da vitalidade da Comunidade.

26. A missionariedade: fazer de Cristo o coração do mundo

«A missão é conatural à vocação da Comunidade. A nossa identidade é a comunhão com Deus e com os irmãos vivida na partilha direta. A comunhão por sua natureza tende a dilatar-se, a difundir-se através da missão. Os membros da Comunidade seguem Jesus pobre, que veio anunciar a Boa Notícia aos pobres. É o método da partilha direta que nos impulsiona ao anúncio. E aos pobres que encontramos dizemos: viemos vos anunciar Jesus, tanto é que juntos compartilhamos a vida e entre nós os

membros mais fracos são os mais honrados.

O aprofundamento da figura de Cristo sofredor, que expia o pecado do mundo, aumenta a dimensão missionária da nossa vocação.

A redenção do mundo não se realiza se não tiver alguém que paga. Colocar os ombros sobre a cruz de quem sofre se torna deste modo um estilo de vida e se adquire um especial instinto para entender onde estão os pobres, os desesperados, os últimos.

Viver as dimensões autênticas do carisma incrementa a Comunidade e seu ímpeto missionário.»⁴⁵

A Comunidade se interroga sobre os vários chamados a abrir realidades de partilha em terra de missão.

27. A consciência de povo

A vocação reconhecida e vivida nos insere em uma nova realidade com o próximo porque «*Deus quer santificar e salvar os homens não individualmente e sem nenhum vínculo entre eles, mas quer constituir um povo que o reconhece na verdade e fielmente o sirva*»⁴⁶.

45 PADRE ORESTE BENZI, *Con questa tonaca lisa*, Edição San Paolo, 2001, pag. 64-67

46 CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática sobre Igreja, *Lumen Gentium*, n. 9

«A Igreja é Cristo comunicado e participado; é a nova humanidade, é o novo povo no qual Deus atua seu “ponto fixo”: formar para Si um povo no qual Ele seja Pai e os homens seus filhos. Esta Igreja é aquele povo que desde sempre Deus sonhou e que finalmente realizou. A consciência de ser povo de Deus é o eixo central da nossa Comunidade. Esta consciência satisfaz plenamente a necessidade de se pertencer de cada seu membro.»⁴⁷

«Na Comunidade cada membro é um ponto que sustenta o todo: como em uma esfera que apóia sempre sobre um ponto que sustenta o todo. Esta consciência de povo se manifesta levando em conta as consequências dos próprios atos sobre os outros.

Da consciência de povo surge a identidade de cada membro da Comunidade.»⁴⁸

Um dos sinais mais evidentes desta consciência é a participação aos atos essenciais da Comunidade.

A consciência do “nós” é a base fundamental da

⁴⁷ PADRE ORESTE BENZI, *Pasqua: Dio, in Gesù, crea un popolo nuovo* [Páscoa: Deus, em Jesus, cria um povo novo], em *La Resurrezione - Voce della Comunità Parrocchiale* [A Ressurreição - Voz da Comunidade Paroquial], Páscoa 2000, pag. 1

⁴⁸ Cf. *Lettera Trimestrale* de padre Oreste Benzi N. 22 do 15/11/2000, pag. 4

ação educativa com os filhos, entre os irmãos e da participação verdadeira à vida da Igreja.

A consciência do “nós” deve se fortificar imergindo na humildade e simplicidade.

Neste povo os membros mais fracos são os mais amados.

C) A FORMAÇÃO

28. A Formação no Período de Verificação Vocacional (PVV)

Ouvindo o Espírito Santo que guia a Comunidade e que move a pessoa a conhecer e a amar Jesus pobre e servo, o Responsável Geral com o Responsável provincial e o Responsável da formação do PVV, individualizam um percurso de encarnação da vocação à luz do Evangelho, com uma ligação direta com os pobres segundo o específico interior da Comunidade.

No PVV os irmãos e as irmãs são acompanhados a verificar (= fazer verdadeira) concretamente o chamado de Deus a pertencer plenamente à Comunidade na sua totalidade, como uma única família espiritual que com a própria originalidade participa ativamente ao respiro de toda a Igreja.

O Responsável Geral designa o Animador geral da

formação do PVV, o qual, em comunhão com ele, tem a tarefa de estruturar um percurso anual, de organizar os encontros gerais (“Dois dias PVV”) que devem ser desenvolvidos pelo menos 3 vezes ao ano.

Em cada província o Responsável provincial pode indicar quem, em comunhão com ele, anima e prepara os momentos formativos periódicos provinciais, e segue pessoalmente o caminho de cada irmã e irmão que faz o PVV.

As irmãs e os irmãos que fazem o PVV são confiados em maneira particular ao caminho de Núcleo e à província a qual pertencem.

No caso em que o Responsável provincial o retenha oportuno, pode propor ao Responsável Geral um tempo de preparação ao PVV (Pré-PVV) no qual o candidato seja acompanhado, em um percurso de catequese, a descobrir ou redescobrir os fundamentos da fé católica.

29. A formação permanente

O dom do caminho vocacional que o Senhor nos deu precisa ser desenvolvido através de uma escolha específica e uma permanente formação, como acontece em cada caminho à sequela de Cristo.

A nossa específica espiritualidade é nutrida pela oração e pela palavra de Deus, pelo Magistério da Igreja, pelos escritos dos Pais da Igreja e pela vida dos Santos, pelos escritos do nosso fundador Padre Oreste Benzi e por aqueles do Responsável Geral.

Esta nossa espiritualidade se nutre em particular com tudo aquilo que o Espírito Santo nos fez entender nestes anos de caminho concentrado nos escritos espirituais do Fundador e da Comunidade.

Esta formação é sustentada no Núcleo, na Jornada Comunitária provincial, nos Três Dias Gerais e nos outros momentos individuados como necessários.

Nas várias províncias da Comunidade os Responsáveis provinciais encontram adequados momentos para formar a Comunidade, levando em conta as indicações do Responsável Geral contidas em particular na Carta Trimestral e as necessidades da própria província.

30. Principais momentos formativos gerais

Três Dias Gerais

Anualmente se desenvolve um momento de encontro ao qual são chamados a participar todos os membros e as pessoas que fazem o PVV, de todas as províncias nas quais a Comunidade é presente. São,

além disso, convidados a participar os filhos dos membros da Comunidade, os pequenos, os pobres, as pessoas acolhidas nas nossas casas e nas realidades de compartilha da Comunidade.

Todos juntos celebramos a festa da vida nova que o Senhor nos doou no caminho vocacional. Agradecemos o Senhor em particular nas celebrações Eucarísticas, durante as quais se realiza a apresentação a toda a Comunidade dos irmãos, que, no decorrer do ano precedente aos últimos Três Dias Gerais antecedente se tornaram membros de Comunidade ou iniciaram o PVV.

Podem ser emitidos por parte de alguns irmãos e irmãs os votos definitivos de consagração ao Senhor no caminho vocacional da Comunidade.

Dependendo das oportunidades podem ser ministrados os Sacramentos.

Os Três Dias Gerais constitui para os membros e os PVV o momento de síntese e de confronto sobre as temáticas inerentes ao nosso caminho vocacional e comunitário, sobre as quais todas as províncias da Comunidade refletem durante o ano. As Províncias podem organizar os Dois Dias Provinciais para atuar as escolhas feitas durante os Três Dias Gerais.

Os Três Dias Gerais constitui para os membros e os

PVV um momento fundamental da nossa formação.

Atualmente se desenvolve a Rimini, cidade onde originou o caminho da nossa Comunidade e onde é preservado o corpo do nosso fundador, padre Oreste Benzi.

Desertos gerais

Durante o ano são organizados momentos de desertos gerais especialmente em contemporaneidade com os tempos litúrgicos fortes. No período estivo se desenvolve a semana bíblica e de deserto guiada pelo Responsável Geral. São ocasiões fundamentais de oração, meditação e silêncio oferecidas aos membros e aos PVV que anualmente são obrigados a participar, durante os quais é nutrida em modo particular a nossa conformidade a Cristo pobre e servo.

Os desertos gerais são geralmente guiados pelos sacerdotes da Comunidade; nestes desertos o Responsável Geral propõe uma sua reflexão.

Ulteriores momentos gerais de formação

Além dos Três Dias Gerais e dos Desertos Gerais, a Comunidade propõe outros momentos formativos:

- Escola de Comunidade realizada pelo Responsável Geral no início de cada Conselho dos Responsáveis, à presença dos Animadores dos Serviços

Gerais e aberta aos membros da Comunidade, sucessivamente inserida na Carta Trimestral enviada a toda a Comunidade;

- O Conselho dos Responsáveis, espaço de comunhão e formação dos Responsáveis províncias;
- Encontros Gerais dos Animadores de Núcleo, presidido pelo Responsável Geral ou pelo Vice-Responsável Geral, com frequência pelo menos a cada 4 meses;
- Encontros de formação e aprofundamento específico do dom vivido em alguns estados e âmbitos de vida, organizados durante todo o ano, como os encontros gerais das casas-famílias, das casas de oração, das casas de fraternidade; momentos formativos para os casais, para os consagrados, para os solteiros etc.;
- Momentos formativos inseridos no programa anual (cursos, seminários, congressos) dos vários Serviços Gerais voltados seja ao interno da Comunidade que ao externo, entre os quais também encontros de aprofundamento da Doutrina Social da Igreja.

CAPÍTULO IV

A vocação nos vários âmbitos de vida

31. A vocação pode ser vivida em cada âmbito e situação concreta de vida.

32. A família

A família pensada por Deus é o espaço da acolhida dos pobres, das pessoas que não tem uma família, dos filhos de ninguém.

Os filhos naturais se nutrem da compartilha direta e por isso necessitam dela.

A família natural que vive a vocação da Comunidade se caracteriza com a oração que a circunda e que garante o equilíbrio e a acolhida dos últimos. Ela, como todas as realidades de vida e de compartilha da Comunidade, pode pedir a presença da Eucaristia na própria casa, desde que seja possível e consentido pela Autoridade Eclesiástica.

A família manifesta concretamente a realização da vida de pobres, da contemplação, da fraternidade e da acolhida.

A família, na Comunidade, segue as famílias que acolhem através da guarda-familiar e é disponível, por quanto possível, de sustentar as estruturas da Comunidade.

As famílias, na Comunidade, tendem a unir entre si também para ser mais resposta de Deus ao grito dos pobres que sobe incessantemente a Ele.

Além disso, as famílias da Comunidade são sustentadas por todos os membros da Comunidade.

Os filhos das famílias naturais e das casas-famílias são filhos de toda a Comunidade.

Entre as famílias e as casas-famílias, especialmente no Núcleo, nos educamos à ajuda recíproca, para nos pertencermos concretamente.

33. A Casa-Família

Os membros da Comunidade conduzidos pelo Senhor a doar-se a Ele através dos pobres nas casas-famílias se tornam pai e mãe, irmão e irmã de todos aqueles que estão em condição desesperada, aos quais ninguém pensa, dos quais ninguém efetivamente se apaixona e que carregam sobre si as consequências de um pecado que é de toda a humanidade. Pessoas que saíram da cadeia, dos hospitais psiquiátricos, dos institutos, órfãos não adotáveis, pessoas em estado de abandono, exploração, escla-

vidão, prófugos, refugiados, despejados, imigrados etc. reencontram concretamente irmãos efetivamente disponíveis em colocar a própria vida com a vida deles.

A Casa-família, por sua natureza, se caracteriza pela compartilha direta, estável e continuativa, das figuras de genitor com os próprios filhos, naturais e regenerados no amor.

Na Casa-Família há irmãos e irmãs, tios e avós, pequenos e grandes, pessoas normais e portadores de deficiências, pessoas com diferentes experiências e problemas psicológicos: a Casa-família acolhe sem distinção de idade ou de situação de proveniência. A acolhida destes irmãos é determinada pelo tipo de relacionamento bem individualizado criado ao interno da Casa-Família e das exigências de vida interior e de crescimento dos irmãos que acolhem.

A Casa-Família na Comunidade Papa João XXIII é considerada uma verdadeira família, com relacionamentos de tipo parental e fraterno como aqueles existentes nas famílias naturais.

É a Comunidade que acolhe e garante o caminho de vida de cada pessoa, seja o projeto educativo, seja diante das Autoridades Públicas, escolhendo as oportunas estratégias operativas. Ela promove o

reconhecimento da Casa-Família em um equilíbrio dinâmico entre fidelidade à sua identidade e respeito das leis.

Responsáveis das Casas-Famílias são membros de Comunidade que escolheram esta específica modalidade de viver a vocação.

Ao lado destas figuras de referência, em casa-família, podem também ter outras figuras que ajudam e colaboram em vários modos: membros de Comunidade, pessoas que fazem o PVV, jovens em Serviço Civil Voluntário, voluntários motivados, estagiários, sacerdotes e consagrados etc.

Os irmãos que vivem nas casas-famílias prestam atenção em não correr o risco de amar mais os irmãos acolhidos que se amar entre si, isto é, entre aqueles que acolhem.

Os irmãos que vivem em Casa-Família sabem que aqueles que são acolhidos também por um brevíssimo tempo devem ser amados como se permanecessem para sempre. As pessoas não são acolhidas para serem instruídas, curadas, tiradas do abandono, mas porque o Senhor as ama, as manda a nós, e junto com elas nos pertencemos ao Senhor, e, porque as amamos procuramos instruí-las, curá-las, mas permanecemos com elas também se são consideradas irrecuperáveis.

A Casa-Família vai além da assistência e a prestação para ser compartilhada.

Na Casa-Família, como em toda a Comunidade, não tem quem salva e quem é salvo, mas nos salvamos juntos, pois quem é acolhido tem valores que quem acolhe não tem, e vice-versa.

Nas Casas-famílias os irmãos vivem a própria vida de pobres despojando-se totalmente de si mesmos (cf. Fl 2,5-11) para serem determinados pela realidade daqueles que são acolhidos. As casas-famílias vivem a administração comum dos bens ou a caixa-comum.

Cada Casa-Família desenvolve a vida de oração com a escolha de ter uma capela e a presença física de Jesus para «fazer da Eucaristia o coração da Casa-Família»⁴⁹.

A Casa-Família se insere na Igreja local e no território e no tecido social na qual opera, abrindo-se à colaboração com as estruturas sociais públicas e privadas presentes, sem abandonar a sua típica identidade vocacional que a orienta e a anima.

Como as famílias, as casas-famílias são de toda a Comunidade e são levadas enfrente juntos. Aqueles

49 Cf. Discurso de João Paulo II durante a Audiência especial concedida à Comunidade no dia 29/11/2004

que vivem nas casas-famílias se sustentam reciprocamente: nas várias Províncias se desenvolvem momentos de confronto e de co-participação da vida de cada casa-família; a nível geral são organizados durante o ano periódicos encontros gerais de formação, coordenação e aprofundamento dos vários aspectos peculiares da Casa-família. O Responsável Geral indica um coordenador para a organização e preparação de tais momentos.

O percurso formativo leva em conta também os requisitos, complementares à escolha vocacional, pedidos pelas normas de regulamentação emitida pelos órgãos públicos competentes.

As Casas-famílias são confiadas diretamente aos Responsáveis Províncias.

34. A Casa de Oração

A Casa de Oração é uma realidade comunitária onde se coloca no centro a oração e a contemplação. Ela é essencial na existência da Comunidade inteira: mesmo sendo em uma Província específica, há um respiro mais amplo; é um lugar de oração e contemplação de toda a Comunidade.

Aqueles que vivem na Casa de oração devem garantir a si mesmos momentos de oração, em coerência com a escolha feita e momentos de formação

específicos realizados para as Casas de Oração, além de garantir aos hóspedes momentos de oração estabelecidos em modo preciso. Eles são mãos elevadas na direção de Deus.⁵⁰

Ao mesmo tempo deixa a liberdade de organizar a própria vida de oração àqueles que querem transcorrer um período de vida retirada.

Também a Casa de Oração, como todas as realidades da Comunidade, responde ao grito dos pobres com a compartilha direta através da acolhida.

A presença física dos pequenos e dos últimos na casa caracteriza e exprime o nosso relacionamento de amor com Deus, em Cristo pobre e servo, que compartilha a vida de cada homem, começando pelos últimos.

Bem sabendo que a Comunidade se governa com os joelhos, a Casa de Oração tem o mandato específico de interceder pelos irmãos, suplicando ao Senhor as graças necessárias à Comunidade, à Igreja e ao mundo inteiro.

A Casa de Oração é o primeiro laboratório em que experimenta e se aprofunda «o método e a forma de oração própria da Comunidade, que surge do nosso

⁵⁰ As frases inseridas se inspiram na Palestra de G. Paolo Ramonda no encontro das Casas de Oração do dia 28/09/2008

carisma.»⁵¹ Ela promove iniciativas e propostas de oração para toda a província e a Comunidade inteira, como as horas de deserto, jornada de retiro, escolas de oração, o terço.

As casas de Oração são seguidas diretamente pelo Responsável provincial.

35. A Casa de Fraternidade

A Casa de Fraternidade é o âmbito onde se torna possível e credível a fraternidade como experiência do amor a Deus dirigido aos irmãos.

«Ela é a “palestra” na qual se experimenta o esvaziamento de si para se preencher de Deus no encontro com o irmão, tornando-se centro de irradiação de vida fraterna.»⁵²

Como cada outra realidade comunitária, também a Casa de Fraternidade é aberta à acolhida dos pobres e dos últimos, porque «quem dá o tom à fraternidade vivida são os “nossos anjos crucificados”»⁵³. A Casa de Fraternidade leva em

⁵¹ Cf. PADRE ORESTE BENZI, *Alla tua luce vediamo la luce* [Em tua luz vemos a luz], pag. 30, Escola de Oração do dia 06/05/1989

⁵² Cf. Palestra de padre Oreste Benzi aos Dois Dias das Casas de Fraternidade do dia 6-7 março 1999

⁵³ Cf. *Lettera Trimestrale* de padre Oreste Benzi N. 30 do 15/11/2002

conta as normas jurídicas-administrativas previstas para a acolhida.

Em cada Casa de Fraternidade é indicado um responsável, membro de Comunidade, confirmado pelo Responsável provincial, o qual faz em modo que sejam escolhidos e levados enfrente os momentos comuns estabelecidos para a oração e o confronto, em particular o encontro de Casa como espaço privilegiado para viver plenamente a fraternidade.

A Casa de Fraternidade estabelece um “teto” de despesa, coberto pelas pessoas que vivem na mesma. É prevista a possibilidade de receber uma contribuição da Comunidade para as acolhidas.

As Casas de Fraternidade são seguidas diretamente pelo Responsável Provincial.

36. As outras realidades de acolhida

Para melhor responder às exigências dos mais pobres a Comunidade busca e promove continuamente novas formas de partilha direta, levando em conta as normas vigentes. No decorrer dos anos de vida a várias realidades de partilha e acolhida, de diversas tipologias, entre as quais:

- Comunidades Terapêuticas, residenciais e diur-

- nas, para pessoas com dependências patológicas (de substâncias psicoativas e não);
- “Cabanas de Belém”, isto é, realidades de pronta acolhida noturna onde são acolhidas as pessoas sem morada-fixa, os pobres que não nos procuram, mas que somos nós que devemos procurar;
 - Centros Diurnos para portadores de deficiência física e psiquiátrica, Centros de Agregação, centros de Terapia Ocupacional e Oficinas com a gestão das cooperativas Sociais educativas;
 - Empresas de agriculturas, empresas de limpeza, atividades Produtivas para o emprego de pessoas desfavorecidas administradas também por cooperativas Sociais promovidas pela Comunitária;
 - Casas de pronta acolhida para menores, adolescentes, adultos, mães com crianças;
 - Casas de acolhida para pessoas que eram escravizadas e foram libertadas da rua;
 - Casas de acolhida para presos, como concreta alternativa à cadeia;
 - Os Povoados da Alegria-I Villaggi della Gioia, verdadeiros e reais “povoados” nos quais Casas-famílias e famílias da Comunidade vivem juntas para melhor responder ao grito dos pobres.

CAPÍTULO V

A compartilha entre as pessoas na única humanidade

37. Missão “*ad gentes*”

O Reconhecimento Pontifício confirma que a Comunidade faz parte da Igreja, reconhecendo ao mesmo tempo que a sua específica vocação é um caminho de santificação para a generalidade dos fiéis. A Missão “*ad gentes*” não é então uma opção para a Comunidade, mas um alegre dever que deriva justamente do fato que ela é para todos os fiéis, sem distinção de raça, língua e cultura.

No Seu infinito Amor o Espírito Santo pensou para os diferentes irmãos de cada povo e língua o encontro com a vocação da Comunidade como caminho para conhecer Jesus pobre e servo, para edificar a Igreja e desenvolver o Reino de Deus para a salvação de todos os homens.

A urgência da Missão “*ad gentes*” da Igreja se torna, conseqüentemente, a urgência a “partir para a Missão”.

É estimado dom do Senhor ter irmãos, irmãs e fa-

mílias que respondem a este chamado de ir viver a vocação em terra de missão.

Chamados não só entre os povos e os grupos que ainda não creem em Cristo, entre os quais a Igreja ainda não radicou raízes e a qual cultura não foi ainda influenciada pelo Evangelho, mas também naqueles países, que mesmo tenho antigas raízes de cristandade, apresentam a necessidade de uma “nova evangelização”.

A característica peculiar da missionariedade dos membros da Comunidade é o anúncio de Jesus pobre e servo, dado pela compartilha direta de vida com os últimos que revela ao mundo o Amor Trinitário e o pertencer recíproco dos homens a Deus. Tal anúncio se realiza essencialmente por transplante vital, respeitando o diálogo ecumênico e inter-religioso, segundo o Magistério da Igreja.

O Senhor abençoou largamente este caminho chamando muitos irmãos e irmãs em terra de missão. O Espírito Santo nos guiou e iluminou.

A animação missionária cresce e vive em proporção à consciência que a “Igreja-Comunhão” é o Sacramento universal da salvação.

É necessário preparar e formar os irmãos e as irmãs que são chamados a partir para a Missão, sobre-

tudo, na capacidade de amar sem limite cada pessoa que o Senhor os doa de encontrar, operando em comunhão com os irmãos e as irmãs da província na qual se vai viver e a imergir na cultura daquele povo.

É fundamental cuidar e aumentar o vínculo entre quem parte e a província de origem.

As províncias gêmeas é uma das expressões mais lindas da consciência missionária da Comunidade.

CAPÍTULO VI

A comunidade e o mundo

38. Empenho social e político

O amor aos irmãos pobres com os quais se compartilha a vida deve chegar ao ponto de querer eliminar as causas que provocam a necessidade e então leva a Comunidade a empenhar-se seriamente no social com uma ação não-violenta para um mundo mais justo e ser voz de quem não tem voz.⁵⁴

O modo de estudar ou de trabalhar é caracterizado pelo vínculo direto com os últimos. Os membros da Comunidade ficam ao lado dos últimos e nunca colocam o próprio bem acima da justiça pelos últimos. Eles empenham-se em diversos modos para que a justiça progrida e para libertar os oprimidos, para anunciar a boa notícia aos pobres.

⁵⁴ Texto já presente no *Schema di Vita* [Esquema de Vida], aprovado pelo Bispo de Rimini Mons. Locatelli com decreto próprio em data 25/05/1983, ponto 6) – A Comunidade e o mundo

Os membros da Comunidade antes de escolher o tipo de estudo ou de trabalho, consultando-se com a Comunidade e a autoridade, na simplicidade e na liberdade que vem do amor a Deus e aos pobres, examinam seriamente a possibilidade concreta de empenhar a própria profissionalidade em modalidades novas para compartilhar mais a situação dos últimos.

Os membros da Comunidade saem do corporativismo da categoria a qual pertencem. Não lutam pelos próprios privilégios, mas procuram tornar possível o trabalho para todos, começando pelos mais fracos, encorajando e promovendo todas as ações que afirme a dignidade da pessoa e os princípios de igualdade e solidariedade a nível internacional, apoiando o direito à saúde no local de trabalho e garantindo uma vida digna após o período de trabalho.

Eles restituem aos pobres, nas formas consideradas mais idôneas e verificadas no Núcleo e na Comunidade, quanto, através do trabalho, recebem a mais que o necessário, aspirando à realização da Sociedade da Gratuidade.

Os membros da Comunidade procuram ser presentes onde se decide a vida de todos, como cidadãos, com uma atenção particular aos últimos.

A Comunidade não se liga a nenhuma ideologia

ou organização de caráter partidário, mas busca ler o homem segundo o Evangelho e de servi-lo plenamente, com total liberdade dos condicionamentos.⁵⁵

Os membros da Comunidade empenhados em modo ativo no campo político o fazem a título pessoal e não representam em nenhum modo a Comunidade. Eles são chamados a verificar o próprio empenho e a própria ação à luz da vocação, em particular no Núcleo e na província à qual pertence. Empenham-se, além disso, em manter um constante relacionamento com o Serviço Político da Comunidade.

39. A Sociedade da Gratuidade

Não basta agir ao interno da atual sociedade do lucro para reduzir os danos dos princípios e das leis que a modelam. A Comunidade, através da reflexão sobre a sua experiência e a realização concreta de novos mundos vitais como a casa-família e as outras realidades de compartilha que surgiram no decorrer dos anos, delineou uma “outra” sociedade que definiu “Sociedade da Gratuidade”.

⁵⁵ Texto já presente no *Schema di Vita*, aprovado pelo Bispo de Rimini Mons. Locatelli com decreto próprio em data 25/05/1983, ponto 6) – A Comunidade e o mundo

Ela extrai a sua origem da mesma natureza de Deus que é Absoluto Amor gratuito e da Igreja que há o seu paradigma na primeira comunidade cristã de Jerusalém (ver *At* 2,42-47; 4,32-35).

«A característica essencial da Sociedade da Gratuidade é o alterocentrismo. O que impulsiona a agir cada seu membro é o bem dos outros: no bem de todos tem também o bem individual.

Neste tipo de sociedade se investe si mesmos e aquilo que se há para participar e comunicar. As capacidades dos indivíduos não são títulos de mérito, mas de serviço. Quanto mais um possui, mais doa, e para si mesmo pega somente a parte necessária para continuar a empenhar-se para o desenvolvimento do bem de todos.»⁵⁶

«Na Sociedade da Gratuidade a produção é regulada pela necessidade real e não fictícia: como consequência desaparece o luxo, o desperdício das energias e dos bens naturais. Enquanto na sociedade do lucro o mais fraco é sempre sacrificado pelo interesse do mais forte, na Sociedade da Gratuidade

⁵⁶ Cf. Palestra de introdução de padre Oreste Benzi ao Congresso Internacional "A Sociedade da Gratuidade: Desarraigar o sistema que cria a pobreza", 4/5 outubro 1996 - Torre Pedrera di Rimini

as partes mais fracas são as mais necessárias porque são fatores que humanizam todos os relacionamentos e ritmos sociais. A Sociedade da Gratuidade é a comunhão de indivíduos que se consideram administradores dos bens dos quais não se sentem proprietários e dos quais sentem de ter que prestar contas a todos.»⁵⁷

A Sociedade da Gratuidade não pode ser imposta, mas se realiza na medida que encontra adesão.

A nossa Comunidade, na sua pequena parte e com todos os seus limites, é uma profecia da gratuidade e é chamada a reconhecer, encorajar, cultivar os germes de gratuidade que existem nas situações, culturas, tradições, aspirações das pessoas e dos povos que o Senhor nos faz encontrar.

40. Paz e nãoviolência

O encontro com aqueles que fazem a objeção de consciência ao serviço militar em serviço civil na Comunidade, desde 1974 até hoje, se revelou par-

⁵⁷ Cf. Palestra de introdução de padre Oreste Benzi ao Congresso Nacional “A Sociedade da Gratuidade: Recomeçar pelos últimos, mas realmente!”, 23/25 setembro 1994 – Torre Pedrera di Rimini

ticularmente fecundo, enriquecendo a Comunidade de uma sensibilidade específica sobre a nãoviolência e a paz.

Em particular através da experiência da Operação Pomba Branca e do projeto Go'El, a Comunidade se inseriu em contextos de guerra e de forte violência, dando respostas, começando pela compartilha direta, que concretamente contribuíram, em sua pequena parte, a proteger as minorias, abaixar o nível de violência, favorecer o diálogo, construir percursos de justiça e de reconciliação nos territórios de guerra e onde a Comunidade é presente no mundo.

Este movimento é um sinal dos tempos, fruto do dinamismo do Espírito. É o grande sonho de uma humanidade sem exércitos e sem guerras, contido no 2º capítulo de Isaías, que inicia a tomar forma.⁵⁸

Estamos na era das armas de destruição de massa, na era de uma globalização selvagem que já hoje consente ao 1% da população mundial de possuir

58« Entre os sinais de esperança, há que incluir ainda o crescimento, em muitos estratos da opinião pública, de uma nova sensibilidade cada vez mais contrária à guerra como instrumento de solução dos conflitos entre os povos, e sempre mais inclinada à busca de instrumentos eficazes, mas « não violentos », para bloquear o agressor armado» (João Paulo II, carta encíclica *Evangelium vitae*, 25 março 1995, n. 27)

40% dos bens do planeta⁵⁹, na qual a força das armas e a violência que elas emanam são instrumentos essenciais ao serviço destes poderes fortes e predadores. O grito das vítimas destas políticas prejudiciais sobe da terra. Atrás de cada violência humana tem o sofrimento de um Deus solidário que se envolve nos problemas do homem e chama seus filhos a agir para a libertação dos irmãos⁶⁰. A resposta ao massacre do corpo de Cristo é a nãoviolência.⁶¹

Como irmãos e irmãs da Comunidade Papa Giovanni XXIII- Papa João XXIII-, somos chamados a construir a paz começando pela nossa vida e também a educar à paz. Somos chamados a:

59 Cf. Relatório do *World Institute for Development Economics Research* das Nações Unidas (*UNU-WIDER*), citado em *Le Scienze* – Edição italiana de *Scientific American* do dia 26/01/2007. Site em inglês: <http://www.wider.unu.edu>

60 Cf. *Ex 2,23-25;3,7-8*

61 «É necessário que dos cristãos sejam sistematicamente desenvolvidos os princípios, a prática e a estratégia da nãoviolência, depois que tenham sido criticamente aprofundados, eliminados. Neste modo os cristãos podem e devem demonstrar que a nãoviolência é um método não meramente utópico para eliminar as injustiça e as violências e para instaurar uma justa ordem social e internacional» (Sínodo dos Bispos, Segunda Assembleia Geral Extraordinária, 24 de Novembro 8 de dezembro de 1985, por ocasião do vigésimo aniversário da conclusão do Concílio Vaticano II)

- uma conversão pessoal que mude a nossa vida, abrindo-a a um amor sem medida, que nos torne profetas de reconciliação no perdão, na verdade e na justiça;
- saber pegar o mal sobre nós transformando-o em bem, entrando nos conflitos, habitando ali e procurando os portais verso uma solução reconciliada;
- sentir o mundo como própria cidade e melhorando-o, abertos à colaboração com irmãos e irmãs de outras crenças e culturas, segundo as palavras do Santo Padre João Paulo II aos chefes religiosos: «*Renovo o meu apelo aos responsáveis das grandes religiões: devemos unir as nossas forças para anunciar a não-violência, o perdão e a reconciliação!*» (Angelus do dia 30/11/2003).

CAPÍTULO VII

Estrutura comunitária

41. Língua oficial da comunidade

A língua oficial da Comunidade é o italiano. Todos os membros da Comunidade, de língua diversa, se empenham a aprender tal língua. Os documentos e os escritos da Comunidade serão redigidos em italiano.

O Conselho dos Responsáveis fará em modo que os textos oficiais e aqueles considerados de particular importância para a formação dos membros sejam traduzidos nas principais línguas em uso nas províncias do mundo.

42. Modalidades de votação e eleições

Segundo a tradição viva amadurecida desde as origens da vida comunitária, para favorecer a fraternidade as votações normalmente são feitas com voto aberto (por exemplo, nos três dias gerais ou no dia comunitário).

Ao invés a eleição do Responsável geral, do Vice-Responsável Geral, do Representante legal, dos responsáveis províncias e dos Delegados e Vice-delegados, as indicações são feitas com voto secreto, segundo quanto previsto nos cânones 119 e do 164 ao 179 do Código de direito canônico.

Antes de proceder à eleição deve ser previsto um momento de debate nos quais cada um pode expressar livremente considerações, propostas e declaração de voto.

A) AS PROVÍNCIAS

43. Definição de província

A Associação se articula em circunscrições territoriais, denominadas províncias.⁶²

As províncias são lugares de encarnação da vocação onde os membros da Comunidade, seguindo o caminho da partilha direta, desenvolvem uma ação pelos mais pobres e os mais fracos, servem os últimos que o Senhor os faz encontrar e que eles mesmos procuram.

Promovem iniciativas a favor dos pobres e colaboram com os planos pastorais, paroquiais e diocesa-

62 Cf. Estatuto, art. 18 (Províncias)

nos a favor deles, compativelmente com as exigências da própria vocação e da vida de Comunidade.

As províncias são organizadas em Núcleos e Serviços provinciais.

44. Responsável provincial

Em cada Província é eleito um Responsável segundo quanto previsto pelo art. 18 do Estatuto.

O Responsável Provincial torna presente o Responsável Geral, exercitando um serviço de autoridade participada em plena comunhão e obediência com o Responsável Geral.⁶³

O Responsável Provincial tem a tarefa de colher a vida e desenvolve-la (autoridade, vem de *augere* = fazer crescer). Pensa a cada membro e ajuda cada um a assumir a própria parte, valorizando a originalidade, confirmando o caminho, em modo que toda a província caminhe como um povo só.

45. Núcleos

Os membros da Província se agregam em grupos chamados Núcleos. No Núcleo os irmãos se ajudam recípro-

⁶³ Cf. CdF 2) Aprofundamento dos 5 pontos 4. Deixar-se guiar na obediência

camente no caminho de santificação e responsabilmente traduzem em atos as escolhas tomadas em Comunidade.

O Núcleo é âmbito restrito onde os membros se ajudam reciprocamente a viver a vida própria de toda a Comunidade e se realizam relacionamentos pessoais mais precisos.

O Núcleo é a oficina do trabalho interior e da vida de vocação e da alegria. Nele se deve enfrentar sistematicamente a vida à luz do Estatuto, da Carta de Fundação e do Diretório.

«O Núcleo é a “fábrica” da consciência comunitária; nele se exprime e se nutre ao máximo a fraternidade. A vida de Núcleo não se reduz ao encontro, mas se dilata em tantos e diversos gestos concretos e criativos que demonstram que nos pertencemos reciprocamente, para experimentar em plenitude este âmbito privilegiado de santificação»⁶⁴.

Além dos membros de Comunidade podem fazer parte do Núcleo também aqueles que fazem o PVV.

Os Núcleos são constituídos diretamente pelo Responsável Provincial ou por ele confirmados levando em conta as propostas dos irmãos. Na medida do possível, são formados por pessoas que vivem em estados e âmbitos de vida diferentes.

64 Cf. *Sempre* N. 10-11/88, Novembro 1988

Em cada núcleo tem um Animador escolhido entre os membros de Comunidade e confirmado pelo Responsável Provincial. Os membros de um Núcleo podem indicar como Animador também um casal.

O mandato de Animador de Núcleo tem a duração de 3 anos, salvo diversa indicação do Responsável Provincial.

O Animador de Núcleo tem a tarefa de coordenar a vida dos irmãos em função da santificação na vocação.

Os Animadores de Núcleo e o Responsável Provincial são um só coração e uma só alma. Eles se reúnem pelo menos 1 vez por mês com uma ativa participação para o crescimento do caminho da Província.

46. Jornada Comunitária

A jornada Comunitária mensal, a qual todos os membros e os PVV pertencentes à província são obrigados a participar, é o momento privilegiado de vida em comum na qual nos acolhemos reciprocamente.

Tem o objetivo de aumentar a consciência de ser um povo que caminha junto, um “nós” que se alegra na tarefa que nos confiou a Igreja: santificar-nos, construir o Reino de Deus, levar enfrente a missão de salvação na Igreja «De igual modo, a Igreja abraça com amor todos os afligidos pela enfermidade hu-

mana; mais ainda, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e intenta servir neles a Cristo» (ver. *Lumen Gentium*, 8).

O grau de presença e participação à Jornada Comunitária é a medida da consciência do “nós” humilde e forte.

A Jornada Comunitária é convocada pelo Responsável provincial que predispõe a ordem do dia que é enviada a todos os irmãos da província nos modos considerados mais adequados, de qualquer modo em tempo útil para preparar-se ao confronto e à discussão dos vários temas.

Na Jornada é previsto um espaço reservado à adoração eucarística, à celebração da Eucaristia comunitária, ao encontro e a momentos de fraternidade como almoçar juntos.

No encontro são tomadas decisões inerentes à vida provincial e aprofundados os temas desenvolvidos e as escolhas feitas a nível de Comunidade Geral.

47. Outros momentos comunitários

Para viver sempre mais plenamente a vocação como povo que caminha à sequela de Jesus, cada província, com a confirmação do Responsável Provincial, decide quais ulteriores momentos são considerados

fundamentais, organizando encontros e iniciativas diversas que o Espírito Santo inspira e suscita.

48. Serviços comunitários provinciais

Para encarnar a nossa fé e o caminho de justiça que emerge da partilha direta com os últimos se dá vida aos Serviços Provinciais nos âmbitos e nos setores de intervento nos quais a Província é mais interpelada pelos pobres.

A Província, com a confirmação do Responsável Provincial ou diretamente pelo Responsável Provincial indica um ou mais de um Animador para cada Serviço iniciado.

O Animador tem a tarefa de estimular e animar à co-participação ativa todos os irmãos, agindo em estreita união com o Animador Geral do Serviço de sua competência.

O encargo do Animador Provincial tem a duração de 3 anos, salvo diversa decisão do Responsável Provincial e presta contas de seu serviço à Província reunida em Jornada Comunitária.

49. O *Gemellaggio* [Províncias irmãs]

Para crescer como Corpo Místico, como Igreja, a Comunidade propõe que cada província da comunidade

tenha uma província irmã, estabelecendo laços de cooperação, favorecendo o enriquecimento de todos os membros e reanimando a vida de ambas as Províncias.

É o Conselho dos Responsáveis que confirma a qual Província uma outra se torna gêmea levando em conta as indicações emersas dos membros e dos Responsáveis Províncias. Elas são periodicamente verificadas e eventualmente modificadas pelo mesmo Conselho dos Responsáveis em base ao desenvolvimento da vida das Províncias.

«O encontro entre as diversas províncias desperta a vocação, aumenta a fraternidade, incita a ulteriores manifestações e concretizações de conhecimento e troca. O gemellaggio é enriquecimento de estímulos devido a estilos e standard de vida diversos nos respectivos territórios; é também ajuda material, ajuda interior, festa do coração, que se exprime em iniciativas e escolhas claras.

O gemellaggio aumenta o senso de pertencer a uma única família espiritual, o senso de missionariedade de cada membro, o senso da internacionalização da Comunidade.»⁶⁵

65 Cf. Cartas Trimestrais de padre Oreste Benzi N.6 do 15.II.1996 e N. 7 do 15.02.1997

B) OS SERVIÇOS GERAIS

50. Definição de Serviço Geral

Para perseguir com mais eficácia as próprias finalidades previstas pela Carta de Fundação e pelo Estatuto a Comunidade constitui Serviços Gerais.

Os Serviços tem o objetivo de aprofundar diretamente temáticas específicas e de propor soluções aos problemas individuados, além de sensibilizar, envolver e animar os membros da Comunidade a uma conversão pessoal e a sociedade e as instituições eclesiais e públicas a uma mudança estrutural.

Os Serviços são chamados a promover tais finalidades em cada província da Comunidade, portanto a iniciativa dos serviços é de caráter internacional.

Alguns Serviços ao interno da Comunidade assumiram, além disso, tarefas de gestão importantes, operando em suporte da vida comunitária e de todas as atividades de compartilha que se desenvolveram no decorrer do tempo.⁶⁶

66 No elenco que segue (§ 52-82), para maior clareza, são reescritos antes os Serviços prevalentemente de animação e depois aqueles prevalentemente de suporte administrativo e/ou de gestão amministrativo e/o gestionale

Os Serviços são instituídos pelo Conselho dos Responsáveis.

A indicação de um ou mais animadores para cada Serviço é realizada pelo Conselho dos Responsáveis sobre proposta do Responsável Geral depois de ter recolhido as propostas chegadas das Províncias.

O encargo do animador Geral de Serviço dura 3 anos. Ele deve apresentar pelo menos 1 vez por ano ao Conselho dos Responsáveis o programa das atividades que entende desenvolver com relativo preventivo de despesas que é confirmado pelo Conselho dos Responsáveis.

Foi instituída a Coordenação dos Serviços Gerais com a finalidade de “caminhar como um só povo” e fazer em modo que cada ação comunitária entre em um único plano que mira a edificar a Sociedade da Gratuidade. A Coordenação dos Serviços Gerais se reúne normalmente uma vez por mês.

O coordenador é indicado pelo Conselho dos Responsáveis.

Na ótica de agir como uma única família espiritual, cada Animador e cada Serviço, deve colaborar constantemente com os outros Animadores e Serviços, participando à Coordenação dos Serviços Gerais.

51. “Anjo da Guarda” do Serviço Geral

O Conselho dos Responsáveis pode indicar um Responsável Provincial como “anjo da guarda” do Serviço, com a tarefa de estimular e segui-lo, afim que a ação do Serviço seja vital e desenvolver a comunhão de cada Serviço com o Conselho dos Responsáveis e a Comunidade inteira.

ATUAIS SERVIÇOS GERAIS

A) SERVIÇOS PREVALENTEMENTE DE ANIMAÇÃO

52. Serviço Acolhida Adultos

É indispensável que cada pobre que sofre e não consegue seguir a própria vida sozinho possa pedir ajuda à Comunidade e encontrar quem o escuta com atenção e amor. A pessoa que se dirige à Comunidade deve sentir que não está mais sozinha, mas que encontrou uma “grande família” com a qual compartilhar e se possível resolver os próprios problemas.

Frequentemente o pedido de ajuda coincide com um pedido de acolhida ou de ajuda de tipo econômico, psicológico, afetivo, de proteção.

O Serviço desenvolve um papel de escuta da pessoa em dificuldade e de coleta de todos os pedidos de ajuda provenientes seja das instituições públicas que pessoalmente das pessoas, levando em conta da presença em Comunidade de Serviços que respondem a algumas necessidades específicas.

O Serviço, através dos Animadores territoriais e das casas de acolhida, procura responder em maneira tempestiva e idônea segundo um projeto personalizado.

Nesta ação colabora com as instituições públicas a nível municipal, estadual e nacional e com outras Entidades/organizações presentes no território.

53. Serviço de Animação Missionária

A missão surge do Batismo através do qual somos imersos na vida de Deus e a vocação é um instrumento específico para o anúncio do seu Reino através da partilha direta com os pobres.

O Serviço tem a tarefa de:

- animar os membros da Comunidade para que se interroguem se o Senhor os chama a viver a própria vocação em terra de missão por um período mais ou menos duradouro, independentemente do âmbito de vida escolhido;
- propor o gemellaggio- províncias gêmeas- com as missões;
- estimular períodos de experiência nas missões da Comunidade com a confirmação do Responsável Geral;
- organizar momentos de formação;
- favorecer o encontro com o testemunho direto dos missionários como instrumento necessário e privilegiado para a conversão;
- testemunhar como o reconhecimento pontifício nos empenhe a fazer que a vocação da Comunida-

de seja conhecida no mundo inteiro como instrumento de anúncio do Reino.

54. Serviço Anti-seitas Ocultas

O Serviço nasce da exigência de ativar-se na luta contra a generalizante expansão do fenômeno dos grupos de seitas que criam vítimas e novas formas de escravidão na nossa sociedade, sobretudo, entre os mais fracos. Desde o início da sua atividade o Serviço foi interpelado pelas numerosas vítimas do oculto, dando vida à instituição de um Número Verde Nacional.

Para contrastar este fenômeno o Serviço é empenhado em uma contínua obra de sensibilização e formação e promove iniciativas para prevenir e remover as causas que provocam novas vítimas, fornecendo a elas acompanhamento e acolhida.

55. Serviço Antitráfico

O Serviço nasce com o claro intento de libertar as vítimas do racket da prostituição e combater um fenômeno que se configura como uma moderna forma de escravidão. Então não é um fenômeno que deve ser regularizado, mas um mal que deve ser desarraigado.

A intervenção da Comunidade neste setor se desenvolve do seguinte modo:

- encontrando as mulheres obrigadas a prostituir-se na rua ou nas casas de prostituição para oferecer a elas uma oportunidade de se libertar através da acolhida nas casas-famílias e/ou famílias da Comunidade, e atuando um projeto de integração e proteção social que garanta a oportunidade de uma nova vida;
- promovendo uma ação contínua de sensibilização diante da comunidade civil e eclesial para favorecer uma correta compreensão e interpretação do fenômeno;
- atuando iniciativas de sensibilização e pressão diante das Instituições públicas a nível local e nacional afim que a atuação das leis sejam orientadas à libertação destas mulheres e não a conter um fenômeno indigno da pessoa humana;
- promovendo uma ação de sensibilização sobre os mecanismos e as dimensões do tráfico de seres humanos e sobre possíveis percursos de prevenção do mesmo, em particular nos países de proveniência das mulheres “traficadas”;
- ajudando e protegendo as vítimas também através de projetos de cooperação internacional em partnership com Organizações locais de numerosos Países do Leste da Europa e da África;

- prevenindo e contrastando o tráfico através da colaboração com organismos e instituições dos Países de proveniência e a colaboração com outras Organizações não governativas (ONG) do exterior presentes em Países Europeus de destinação do tráfico com o objetivo da exploração sexual.

56. Serviço Criança

A infância é um período de vida importantíssimo para a construção da pessoa, portanto é indispensável cuidar particularmente deste tempo de crescimento fazendo-as viver experiências alegres de vida, de comunidade e de fraternidade com pessoas da própria idade, privilegiando o relacionamento com as crianças portadoras de deficiências e a experiência da aproximação de Jesus na vida delas.

O Serviço torna tal experiência possível através da animação de várias iniciativas, como o Deserto para as crianças e as atividades recreativas durante os encontros comunitários gerais e provinciais.

57. Serviço Cadeia

Na Sinagoga de Nazareth, como sinal do reconhecimento do seu ser o Messias, Jesus disse: «*Fui enviado para libertar os prisioneiros*» (ver. Lc 4,18).

Os membros da Comunidade reconhecem Jesus Cristo no preso que encontram: «*Eu estava na cadeia e viestes me visitar*» (cf. Mt 25,43). Nos crimes cometidos por uma pessoa tem a responsabilidade de todos. O resgate do prisioneiro deve ser obra de todos.

O Serviço anima a Comunidade na ação de redenção na qual a compartilha direta é o caminho para o resgate dos prisioneiros. A ação se desenvolve através de apoio religioso e moral ao interno da cadeia, e, sobretudo, através da compartilha direta, acolhendo os condenados e propondo-os um caminho de vida renovado, favorecendo a reintegração deles na sociedade. A vocação da Comunidade impulsiona os membros que compartilham a vida com os presos a agir para uma gradual superação na sociedade da instituição carcerária, desenvolvendo medidas alternativas de atuação da pena que favorecem uma verdadeira recuperação da pessoa.

58. Serviço Compartilha Idosos

O Serviço nasce da exigência de dar respostas concretas a quem nos precede longo o caminho da vida e por isso pode ter encontrado dificuldades que necessitam de ajuda. O objetivo é o domicílio, ou seja, fazer em modo que o idoso possa transcorrer a velhice na própria casa e com a própria família. Se

isso não for realmente possível, propomos a guarda-familiar, para dar uma família onde o idoso se torne o avô ou a avó, recuperando um papel e a possibilidade de amar e sentir-se amado.

Os idosos são as nossas raízes, os guardiões da memória, da história, o anel de conjugação do ciclo vital.

O Serviço promove atividades (centros diurnos, grupos de auto-ajuda etc.) para ajudar as famílias que cuidam dos idosos e favorecer a desinstitucionalização.

Através da organização de eventos e a produção de material informativo promove uma cultura voltada ao reconhecimento do idoso como parte integrante e necessária da sociedade e da família.

59. Serviço Compartilha de Rua

«Quando os pobres não vêm nos procurar, somos nós que devemos procurá-los»: esta frase sintetiza perfeitamente o espírito que anima o Serviço.

Teve origens no início dos anos '80 as primeiras experiências da Comunidade ao lado dos “sem morada fixa”, descobrindo um “mundo invisível”, constituído por pessoas mantidas às margens, sem nenhum reconhecimento dos mais elementares direitos e privas de uma identidade pessoal e social.

Desde aquele período a Comunidade se fez “pró-

xima” destes irmãos. Toda noite em diversas cidades italianas uma equipe de irmãos vão à estação, debaixo das pontes e em todos os lugares onde eles se refugiam para os encontrar, ficar com eles e oferecê-los a possibilidade de serem acolhidos em uma casa de acolhida.

As “Cabanas de Belém” são realidades de pronta acolhida noturna, onde os “invisíveis” não encontram somente um teto e um leito, mas, sobretudo, o calor da família que nunca tiveram. Além disso, é dada a possibilidade de sair da própria condição através da construção de projetos individualizados de reintegração social.

60. Serviço Compartilha Jovens

A Comunidade nasceu do encontro com os adolescentes, reconhecendo neles a necessidade de imergir-se no relacionamento profundo com o Senhor, para dar sentido e resposta à necessidade mais profunda deles, favorecendo um «encontro simpático com Cristo».

Ainda hoje reconhecemos que os adolescentes e os jovens são frequentemente terra de ninguém ou do primeiro ocupante e cremos que estes pobres sejam o campo onde deve ser semeada a Palavra do Senhor, através da nossa específica vocação.

Além de animar os adolescentes e os jovens que vivem em Comunidade ou com os quais a Comunidade entra em contato, em sintonia com o Magistério da Igreja, os procuramos onde eles estão.

Palavras chaves do projeto educativo são:

- descobri-se prodígio;
- de si aos outros;
- o pobre;
- construir comunidade;
- juntos verso Jesus.

Realizamos concretamente o projeto através: dos grupos jovens, do Projeto Fora dos muros, animação artística (dança, teatro, música), a prevenção do mal-estar nas escolas, os Campos de Compartilha, dos momentos de oração (Desertos), dos campos de trabalho, das propostas de voluntariado nas casas da comunidade.

61. Serviço Coordenação Arte

O Serviço coordena todas as formas expressivas nascidas do caminho de compartilha da Comunidade, com um sonho no coração: conseguir tornar visível o invisível, a «dar voz a quem não tem voz» e ajudar através da arte a ter um outro olhar sobre a realidade.

O canto, o teatro, experiências de músicas em conjunto, a pintura, a dança, além de ser experiên-

cias de crescimento, permitem de contar a vida com quem é colocado às margens.

A presença nestes projetos de pessoas portadoras de deficiências, ex. toxicodependentes, adolescentes, menores acolhidos não é anomalia, mas profunda forma de verdade. Todos podem se exprimir e concretizar os próprios sonhos artísticos.

A Coordenação tem como primeira tarefa aquela de valorizar e apoiar os projetos artísticos ativos nas várias Províncias, colocá-los em rede, elaborar percursos novos de formação, criar eventos comuns, difundir através da arte a beleza de um caminho comunitário ao lado dos últimos do nosso tempo.

Em tal caso a arte é entendida como meio e não como fim, ocasião de encontro, de amizade e caminho, onde a construção de uma oficina, de um espetáculo, de um show se torna ocasião de troca, espaço de fraternidade e partilha, onde em cena tem espaço para todos, pequenos e grandes, pessoas portadoras de deficiências e não, em uma festa cheia de cores e que se torne ocasião de reflexão

62. Serviço Justiça

A nível internacional o Serviço coloca particular atenção às formas de violência estrutural econômica e política, aprofundando a análise dos mecanismos

que geram as injustiças, propondo ocasiões de formação, favorecendo a elaboração de propostas de ação a nível internacional, ocupando-se também do relacionamento com outros Organismos Nacionais e internacionais, Não-Governativos e Governativos, favorecendo a colaboração internacional entre as diversas Províncias da Comunidade na ação pela justiça. A *Comunità Papa Giovanni XXIII* desde 2006 é reconhecida com o Especial Status ao Eco-soc (Economic and Social Council) às Nações Unidas, reconhecimento que lhe permite de ser presente em numerosos encontros, sessões, e assembléias promovidas pela ONU, intervindo em defesa dos pobres e na promoção dos direitos humanos.

A nível nacional o Serviço se empenha em animar e coordenar as atividades das Províncias na ação de remoção das causas que criam injustiça e marginalização, em estreita colaboração com os outros serviços.

63. Serviço Justiça Menor

«Não existem lobos ruins, mas somente lobos infelizes». O Serviço se propõe de encontrar o coração e restituir a vida aos menores que terminaram no circuito penal, frequentemente vítimas de carências familiares, materiais, relacionais, morais.

Quem impulsiona e sustenta esta ação é Jesus,⁶⁷ único que pode curar o coração através do arrependimento, da conversão, do dom da salvação.

As atividades que o Serviço vive para anunciar Jesus com a vida e remover as causas da injustiça são:

- a animação nos institutos penais dos menores com o objetivo de ficar junto com os rapazes e com todos os funcionários da penitenciária para favorecer lógicas construtivas e percursos personalizados;
- a acolhida em casas-famílias ou outras casas da Comunidade;
- a animação dos bairros em risco, para prevenir cerca os desvios;
- a ação de informação e sensibilização da realidade externa à cadeia dos menores seja a nível local que nacional.

64. Serviço Portadores de Deficiência

«Onde estamos, ali também eles»: esta intuição inicial que guiou a Comunidade em uma presença de partilha com as pessoas portadoras de deficiências surge das palavras de São Paulo: «*os membros*

⁶⁷ Cf. *Mt* 25; *Hb* 13,3; *Is* 35; *Is* 42,6-7; *Lc* 5,31-32; *Lc* 23,39-43; *Mt* 7,1-5; *Is* 11,1-9.

do corpo que parecem os mais fracos são os mais necessários»
(1Cor 12,22).

A pessoa portadora de deficiência não é um objeto de assistência, mas uma riqueza que cria vida, parte constitutiva da Comunidade, como se evidencia nas nossas famílias, casas-famílias, centros diurnos e Cooperativas.

O Serviço se propõe de:

- promover e tutelar os direitos civis, políticos, sociais e econômicos das pessoas portadoras de deficiência, transversalmente a todas as idades da vida;
- aprofundar o tema da espiritualidade, da catequese e da missão da pessoa portadora de deficiência na Igreja e no mundo, atuando iniciativas de formação e de sensibilização perante as instituições públicas a nível local e nacional;
- apoiar as famílias dos sujeitos portadores de deficiências, tirando-as do isolamento e tornando-as participantes da vida social.

65. Serviço Imigração

O Serviço Imigração nasce da exigência de não se calar e responder em maneira concreta diante da injustiça que investe as pessoas imigradas, a dignidade delas e a mesma vida delas.

Em nome da legalidade e da segurança chegou-se a ver os imigrados como bode expiatório dos imigrados; a equação “imigrado = delinquente” determinou um ataque à dignidade destas pessoas, à dignidade humana, à exploração e ao desprezo dos direitos inalienáveis.

Portanto, a Comunidade retém de vital importância confrontar-se e ativar-se em mérito aos temas da imigração, da cidadania e da integração envolvendo em vários níveis, aquele territorial, nacional e internacional, considerando o tema da imigração ligado a vários fatores que envolve os relacionamentos entre o sul e o norte do mundo, analisando as causas profundas que estão à base do fenômeno migratório.

O serviço imigração, portanto, retém prioritária uma ativação seja em defesa dos direitos inalienáveis das pessoas presentes em cada território nacional segundo as orientações de acolhida e solidariedade muitas vezes citadas pela igreja, seja pelos imigrados que em desprezo às leis comunitárias e internacionais são rejeitados e repatriados.

66. Serviço Legal

O Serviço anima a Comunidade afim que sejam garantidos e respeitados os direitos das pessoas mais fracas e marginalizadas, também em relação

aos Entes Públicos e em cada âmbito da vida política e social do País.

Fornece pareceres e aconselhamentos aos membros da Comunidade, em particular suporta os outros Serviços Gerais nas matérias de sua competência (por exemplo, na formulação de propostas de leis), participando ativamente à ação de remoção das causas que criam injustiça e marginalização levada enfrente pela Comunidade inteira.

67. Serviço Liturgia

A nossa Comunidade sempre colocou no centro de cada sua atividade a celebração eucarística e acolheu com alegria o convite de João Paulo II de fazer da Eucaristia «o coração das casas-famílias e de toda atividade social e educativa».

Tarefa do Serviço é animar e ocupar-se da plena participação da inteira Comunidade à Eucaristia, aos Sacramentos em geral e à oração da Igreja, o tudo no âmbito fundamental do ano litúrgico.

Em particular dedica-se à preparação dos momentos litúrgicos em ocasião dos Três Dias Gerais, dos períodos de Desertos, das celebrações eucarísticas e outros momentos de oração.

68. Serviço Maternidade Difícil e Vida

O Serviço tem a tarefa de promover e coordenar as ações em defesa da vida humana desde a concepção até a morte natural e de ajudar mamãe e papai a acolher o filho com dignidade e amor, favorecendo uma sociedade mais acolhedora e promover e coordenar a defesa da criança ainda antes do nascimento até a sua concepção.

A Comunidade se ativa com:

- a educação à afetividade, ao ensinamento dos métodos naturais, o conhecimento da vida pré-natal;
- a partilha com as mulheres/casais com maternidade difícil segundo a necessidade específica para a acolhida do filho que carrega no ventre ou que é em risco;
- a oração pela vida nascente diante dos Hospitais nos quais se praticam os abortos e nos cemitérios;
- apoio aos casais com problemas de esterilidade, com abortos naturais ou voluntários;
- a sepultura dos fetos humanos abortados naturalmente ou voluntariamente e a reelaboração do conseqüente luto;
- o respeito pelos embriões humanos concebidos em proveta favorecendo a adoção daqueles abandonados e/ou doentes;
- uma ação cultural e na direção das Instituições

- locais, nacionais e internacionais para o reconhecimento dos direitos da criança antes do nascimento, estimulando uma sociedade favorável à acolhida da vida nascente e da maternidade, também promovendo leis justas e a objeção fiscal às despesas abortivas;
- uma ação de tutela da vida em relação às temáticas da eutanásia e do testamento biológico.

69. Serviço Menor e Guarda-Familiar

«Dar uma família a quem não tem» é o compromisso constante da Comunidade.

Os menores que não podem permanecer na própria família natural precisam entender que tem alguém que se interessa por eles, precisam se sentir amados e escolhidos em modo único e pessoal.

Inserir o menor afastado temporariamente da própria família em uma situação de guarda-familiar ou de casa-família lhe garante condições adaptas ao seu processo evolutivo muito mais que aquelas de um orfanato.

O Serviço há como finalidade principal promover e sustentar a cultura da acolhida, para garantir a cada criança o direito de viver em uma família através:

- da coleta e a avaliação dos pedidos de acolhida que chegam à Comunidade;

- da busca de famílias e casas-famílias disponíveis a acolher;
- da promoção e participação a encontro, cursos de formação e congressos voltados a criar uma cultura de acolhida;
- da colaboração com outras Associações e instituições para iniciativas de tutela da infância.

70. Serviço Objeção de Consciência e Paz

Desde a sua fundação a Comunidade apoiou o reconhecimento do direito à objeção de consciência, operando, sobretudo, em dois âmbitos: pedindo a igualdade entre o serviço militar e o serviço civil e a possibilidade para aqueles que prestam o serviço civil de participar a missões de pacificação no exterior.

Hoje o Serviço se ocupa da promoção, planejamento e gestão do Serviço Nacional Civil na Itália e no exterior.

O serviço também oferece atividades de entretenimento e formação sobre questões de paz e não-violência em seus diversos aspectos, promovendo também a colaboração com os organismos institucionais e organizações da sociedade civil, tanto na Itália como no exterior.

Com o projeto Go'el o Serviço promove microações de cooperação descentralizada, fundadas so-

bre o apoio a realidades locais, que do baixo e em modo não-violento, lutam pelo reconhecimento dos próprios direitos denunciando a injustiça e a opressão.

71. Operação Pomba Branca

«Construir pontes e curar as feridas», atuando em frentes opostas de guerra é o slogan da Operação Pomba Branca, corpo não-violento de paz, alternativo à intervenção armada.

Suas principais características são:

- a nãoviolência ativa, finalizada a buscar sempre o encontro com o “outro” começando pela amizade e pela compreensão do seu sofrimento para propor um caminho que transforme a sua dor em esperança para libertar o oprimido e o opressor;
- a compartilha de vida com as pessoas que mais sofrem o conflito;
- a neutralidade ou a “aproximação” diante das partes em conflito, mas não a respeito das injustiças.

Concretamente as atividades que o Serviço leva enfrente nas zonas de guerra são:

- viver com os pobres, tentando ajudá-los em suas necessidades imediatas e compartilhando com eles os desconfortos, medos e riscos;

- proteger a população civil diminuindo o nível de violência através da nossa presença neutra e internacional que atua como um impedimento para o uso da violência;
- promover o diálogo e a reconciliação que se atua vivendo em várias frentes e se funda na confiança que as pessoas tem em nós.

72. Serviço pastoral para os surdos e para suas famílias

O Serviço nasceu para encontrar e aprofundar o conhecimento do mundo das pessoas surdas, daquilo que elas e suas famílias vivem, incluindo os filhos de pessoas surdas que nasceram sem este problema (C.O.D.A. - Children of Deaf Adults).

A atividade do Serviço é então finalizada a ser voz de quem não tem voz, a ser uma ponte entre os dois mundos, a utilizar a tecnologia e colocá-la ao serviço dos excluídos e dos marginalizados para ser missionários de Jesus para as pessoas que vivem em silêncio ao nosso lado.

A falta do correto canal de comunicação, a Língua dos Sinais, marginaliza e exclui as pessoas surdas do acesso a qualquer tipo de informação.

O Serviço desenvolve, então, uma obra de acolhida e apoio para as pessoas surdas e suas famílias nas Pro-

víncias da Comunidade, pedindo o reconhecimento da Língua dos Sinais a cada país como língua oficial da Comunidade dos Surdos e, a nível eclesial, o reconhecimento, a difusão e a utilização da Língua dos Sinais nas pastorais e na liturgia, em particular na Eucaristia.

Ao interno da Comunidade opera para tornar acessível às pessoas surdas os documentos audiovisuais internos e para realizar materiais audiovisuais em Língua dos Sinais de carácter educativo para a evangelização dos surdos, sobretudo, das crianças.

73. Serviço Político

É necessário que cada membro da Comunidade participe da construção da “Polis” (cidade dos homens) para remover as causas que produzem marginalização e pobreza. Nesta ótica a Comunidade faz propostas políticas seja a nível local, que nacional e internacional.

A Comunidade não se liga a nenhuma ideologia, partido ou coalizão de partidos, mas busca o diálogo construtivo e a colaboração com todos, com modalidades não-violentas e seguindo as indicações da Doutrina Social da Igreja Católica.

A ação da Comunidade ao serviço da justiça comporta também a possibilidade que alguns irmãos se empenhem diretamente na atividade política em

modo de ser presentes onde se tomam as decisões que incidem sobre a vida de todos e, em particular, dos últimos. Eles agem a título pessoal, mas se confrontam ao interno da Comunidade e pedem confirmação sobre a própria ação.

O Serviço Político tem a tarefa de sustentar e manter em rede os membros da Comunidade empenhados em política e ser um suporte para os outros Serviços e para toda a Comunidade na remoção das causas que criam injustiça e marginalização.

74. Serviço Rom e Sinto

É empenho da Comunidade praticar os critérios pastorais pela missão ao povo Rom e Sinto fixados pelo Magistério da Igreja:

- a atenção às expectativas e aos problemas com a profunda compreensão da situação cultural;
- o dever de se tornar «comunidade que hospeda» através das próprias casas e serviços;
- a exigência de compartilhar plenamente a vida dos Rom e Sintos «*com o mesmo impulso com o qual Cristo, através da sua encarnação se ligou a determinadas condições sociais, culturais dos homens com os quais viveu*» (*Ad Gentes*, n. 10).

O Serviço se empenha afim que este povo possa sair da indefinição jurídica na qual preconceito e

xenofobia o isolam, conservando ao mesmo tempo os elementos culturais que são por si mesmos uma proclamação da identidade deles.

75. Serviço Escola

A escola é um espaço fundamental para o crescimento humano e cultural das novas gerações. Ela desenvolve bem o seu papel se todos os componentes presentes (professores, estudantes e pais) são colocados em condições de participar ativamente e construtivamente à vida escolar.

A escola deve realizar a plena integração de todos os estudantes, alias, a didática deve ser organizada partindo justamente das exigências dos últimos, isto é, dos estudantes mais em dificuldade.

A Comunidade propõe o modelo da “escola da gratuidade” na qual não é exclusivamente o interesse a motivar o empenho escolar, mas o desejo de aprender, de conhecer e de construir relacionamentos positivos e de educar-se reciprocamente, valorizando os talentos específicos de cada um.

É indispensável que todos os professores, estudantes e famílias da Comunidade se tornem promotores da renovação da escola para a renovação da sociedade.

76. Serviço Toxicodependente

O fenômeno “toxicodependência” é favorecido por uma sociedade que não leva em conta suas raízes e necessidades, na qual é forte a busca do prazer e de emoções sempre mais fortes. Muitos jovens são usados como consumidores de emoções e escravizados com fins econômicos.

Desde o início o Serviço deu vida a percursos de recuperação das várias tipologias de dependências patológicas colocando no centro o valor da pessoa humana em todas as suas dimensões: física, psíquica, social e sobrenatural.

As intervenções de caráter sanitário na reabilitação do indivíduo devem sempre se colocar em uma escolha educativa que leve em conta a visão integral do homem.

Foram abertas numerosas estruturas terapêuticas onde são acolhidas pessoas toxicodependentes; além disso, é forte a colaboração com as casas-famílias e outras realidades de compartilha da Comunidade para estruturar percursos individualizados que levem em conta as diferenças de idade, de personalidade, de problemáticas psicopatológicas, de condições sociais dos acolhidos.

A presença em numerosas Nações de comunidades de recuperação é um elemento de particular va-

lor; o Animador do Serviço e outros coordenadores mantêm contatos constantes com estas estruturas.

A animação de toda a Comunidade sobre o drama da dependência patológica e sobre a necessidade da libertação desta terrível escravidão é empenho fundamental do Serviço.

Através de congressos, palestras, intervenções em debates públicos, presença nas escolas e nas outras realidades educativas, o Serviço leva enfrente o empenho cultural contribuindo para a construção de uma sociedade mais à medida do homem.

B) SERVIÇOS PREVALENTEMENTE DE SUPORTE À GESTÃO

77. Secretaria Geral

A Secretaria Geral depende diretamente do Responsável Geral da Comunidade. Ela tem a gestão e organiza congressos, manifestações e encontros de carácter geral promovido pela Comunidade, entre os quais a anual assembléia da Associação e os Três Dias Gerais.

Garante a difusão de todos os documentos formativos elaborados pela Comunidade, em particular pelo Responsável Geral e a tradução dos mesmos nas principais línguas.

Ocupa-se do desenvolvimento e do crescimento do nosso impacto nos meios de informações garantindo a imediata localização do Responsável Geral, ocupando-se do site internet da Comunidade (www.apg23.org) da publicação de material informativo.

Segue a organização da agenda do Responsável Geral, favorece a comunicação interna à Comunidade das iniciativas que se desenvolvem nas províncias.

78. Administração Geral

O Serviço administra os bens e afronta as problemáticas que diz respeito a gestão administrativa, econômica e financeira da inteira Comunidade.

Sendo a benefício da inteira vida de compartilhada levada enfrente pela Comunidade, o Serviço deveria ser propriamente denominado “Atividade de suporte administrativo à compartilhada”.

Atualmente a atividade do Serviço Geral é subdividido em 3 Áreas.

Cada área tem um chefe-área que tem a responsabilidade de toda a atividade de própria competência e presta contas ao Animador Geral do Serviço.

O chefe-área deve garantir que as atividades sejam realizadas em linha com os princípios e as escolhas vocacionais e ao mesmo tempo sejam compatíveis com as leis em vigor nos países nos quais a Comunidade opera.

O Animador do Serviço presta contas diretamente ao Responsável Geral, que deve sempre ser presente quando são tomadas as decisões.

O valor de ser uma “única família espiritual” deve permear cada âmbito comunitário: não se pode tirar nada deste princípio de comunhão e unidade, sobretudo, na atividade de suporte administrativo.

As Províncias são organizadas sobre o mesmo modelo do Serviço Geral: em cada uma delas são indicados pelo Responsável Provincial um ou mais de um Animador para cada serviço. Eles desenvolvem a função de interface com a atividade de suporte geral relativamente aos aspectos burocráticos e administrativos; são formados e seguidos na própria tarefa pelo Serviço Geral.

O Animador do Serviço participa sempre do Conselho dos Responsáveis

79. Fund Raising

O Fund Raising [=arrecadação de fundos] é um Serviço necessário para o sustento e o desenvolvimento dos projetos institucionais da Comunidade, deve ser entendido como uma “coordenação de força motriz” para todas as atividades de sensibilização e arrecadação de fundos dos quais a mesma Comunidade se faz promotora.

Opera através de estratégias finalizadas não somente à arrecadação de fundos, mas também à sensibilização e ao envolvimento de sempre mais pessoas entorno à “missão” que a mesma Comunidade leva enfrente.

Ajuda a compreender quanto a compartilha direta da vida, o apoio aos pobres e aos mais necessitados, os princípios cristãos da solidariedade humana, são uma ajuda concreta para todos.

8o. Editor “Sempre”

Desde o início das suas atividades a Comunidade colocou grande atenção à utilização dos meios de comunicação para ser voz dos “últimos”, difundir a cultura da acolhida e denunciar as injustiças.

Além de buscar espaço nos vários meios de comunicação disponíveis (jornais, rádio, TV) a Comunidade deu vida a uma própria casa editora em grau de produzir e difundir vários instrumentos editoriais.

O mensal Sempre, que nasceu no ano 1977, é o instrumento através do qual se alimenta um relacionamento contínuo de conexão e confronto entre os membros da Comunidade, pessoas que sentem “simpatia” pela Comunidade e todos aqueles que são sensíveis ao projeto de uma nova sociedade que coloca no centro a compartilha com os últimos.

O bimestral Pão Quotidiano, criado no ano 2002, é um livrinho de bolso de grande difusão que propõe as leituras litúrgicas de cada dia acompanhadas pelas reflexões extraídas das meditações de padre Oreste Benzi.

Aos dois periódicos se uniu desde 2005 a produção de livros, também estes com o objetivo de contar as experiências e os valores promovidos pela Comunidade.

81. Audiovisual APG23

A finalidade do Serviço é a comunicação, e mediante esta, desenvolver a cultura, difundindo o pensamento e a intuição de uma Comunidade que se torna vida e faz história. A primeira linha editorial das produções é o testemunho de padre Oreste Benzi. O seu olhar vital é o fundamento e a perspectiva do projeto de comunicação.

A força e a objetividade do instrumento audiovisual são colocados ao serviço da vida e das atividades da Comunidade através de duas modalidades: desenvolver a cultura para remover as causas das injustiças, fazer história documentando a vida da Comunidade. O arquivo vídeo, continuamente atualizado, representa um tesouro sentimental e cultural para toda a Comunidade.

As produções que o Serviço realiza são de qualida-

des, formatos e destinatários diversos: documentários e comerciais para emissoras nacionais e locais, vídeo clipes e entrevistas para transmissões locais e nacionais, produção de DVD para a distribuição a “mão” ou nas livrarias, DVD para a comunicação e formação interna da Comunidade, service e vídeo para congressos, vídeo para o web.

82. Centro Documentação

O Centro Documentação é para a Comunidade aquilo que é a memória para o homem. Sem Centro Documentação não tem a possibilidade da utilização de todo o caminho de compreensão da nossa vocação, da nossa Comunidade, do patrimônio espiritual e cultural que foi adquirido no decorrer dos anos.

A finalidade fundamental do Centro Documentação é constituir um arquivo no qual recolher tudo aquilo que representa a memória histórica da Comunidade e da vida, as obras e o pensamento do fundador padre Oreste Benzi.

As atividades do Serviço compreendem, além disso, a gestão de uma biblioteca e uma hemeroteca e a relativa catalogação adequada de livros, revistas, jornais, áudio, vídeo e textos com a aquisição dos vários documentos em formato digital.

CAPÍTULO VIII

Instituições promovidas pela comunidade

83. Consórcio “*Condividere Papa Giovanni XXIII*”

A Comunidade no decorrer dos anos promoveu a constituição de várias formas jurídicas, na Itália e no exterior, para melhor responder – seja no plano jurídico, legal, administrativo que financeiro – as exigências colocadas pela compartilha direta com os últimos.

Em particular promoveu o Consórcio “*Condividere Papa Giovanni XXIII*” [Compartilha Papa João XXIII], como instrumento que permite às cooperativas e a outras razões sociais nascidas na Itália ao interno da experiência da Comunidade, de operar em unidade e sintonia na vocação.

As cooperativas são verdadeiras empresas que buscam viver os princípios da Sociedade da Gratuidade, demonstrando que estes princípios são economicamente possíveis. São, além disso, um espaço

privilegiado para muitas pessoas de encarnar alguns aspectos da vocação da Comunidade em um âmbito de trabalho. O bem deve ser feito bem, com respeito do horário, com competência, com profissionalidade, com amor e complementaridade dos papéis. A escolha da compartilha tende a não se reduzir ao interno da jornada de trabalho, buscando formas de compartilha com os pobres e os jovens também fora do horário de trabalho.

Cada membro de Comunidade que vive a vocação nestes âmbitos de compartilha, para se tornar sócio da cooperativa deve ter a confirmação do Responsável Provincial e do Responsável Geral da Comunidade. Para favorecer a comunhão e a unidade, de norma o Presidente da cooperativa é o Responsável Provincial da Comunidade na qual a cooperativa há sede e o Presidente do Consórcio é o Responsável Geral da Comunidade.

84. Associação “*Condivisione fra i popoli*”

A Comunidade promoveu a Associação “*Condivisione fra i popoli*” [Compartilha entre os povos] - ONLUS [sem fins lucrativos], constituída em 1989 e reconhecida como Organização não Governativa (ONG) pelo Ministério do Exterior em 1999 para

permitir à Comunidade de administrar em modo melhor e com reconhecimento oficial os projetos no exterior.

O objetivo da Associação é cooperar ao desenvolvimento dos povos emergentes contribuindo para que alcancem a própria autonomia mediante programas de desenvolvimento, arrecadação de fundos para a atuação de projetos e atividades de sensibilização e de educação ao desenvolvimento na Itália.

A Associação, em colaboração com outras realidades da Comunidade, promove atividades de prevenção a respeito das prejudiciais consequências da fome, das epidemias, da vida de rua, do abandono dos menores e dos conflitos armados; atua em vários âmbitos como nutrição, instrução, saúde, marginalização, vida de rua, prostituição, abandono dos menores, áreas de conflito armado; formação profissional, micro-financiamento e educação à paz; remoção das causas que criam a marginalização através de sensibilização na Itália e no exterior, participação a coordenações nacionais internacionais e locais, atividades ligadas à justiça em colaboração com a Igreja Católica e outras ONG locais.

CAPÍTULO IX

Orgãos a serviço da vida comunitária

85. Assembléia da Associação

A Assembléia da Associação, composta nos termos do art. 10 do Estatuto, se reúne normalmente em concomitância ou nos dias precedentes ao desenvolvimento dos Três Dias Gerais, a qual são convocados todos os membros e os PVV, como indicado no ponto 30.

Os Delegados da Província participam da Assembléia como representantes da própria Província. É bom que antes da Assembléia se desenvolvam um ou vários encontros, possivelmente durante a Jornada Comunitária, onde os membros da Província possam exprimir pareceres, indicações e questões a serem levadas na Assembléia.

Os Delegados da Província devem levar em conta tudo aquilo que emerge na própria Província, fazendo-se de porta-voz na Assembléia.

Eles de qualquer modo exercitam as próprias funções sem vínculo de mandato.

Nos termos do art. 12 do Estatuto, letra e), As deliberações da Assembléia são executivas somente depois da necessária confirmação do Responsável Geral.

86. Responsável Geral

O Responsável Geral exercita o serviço de confirmação e guia no caminho vocacional⁶⁸. Desenvolvendo as funções estabelecidas pelo art. 12 do Estatuto atua sua tarefa de sustento, encorajamento e vigilância sobre a ortodoxia e a ortopraxes.

O Responsável Geral visita as Províncias para confirmar e sustentar na vocação, encontrando-se com os membros seja a nível pessoal que nas várias casas e serviços.

O Responsável Geral, com a colaboração dos Responsáveis Provinciais, informa as várias Províncias sobre a vida da Comunidade inteira através da Carta Trimestral, da revista “Sempre” e da Secretaria Geral.

87. Vice-Responsável Geral

Em atuação a quanto previsto pelo art. 13 do Estatuto, o Vice-Responsável Geral, sobre explícito

68 Cf. CdF 2) Aprofundamento dos 5 pontos 4. Deixar-se guiar na obediência

mandato do Responsável Geral, desenvolve as funções do Responsável Geral seja ao interno que ao externo da Comunidade.

Em particular preside o Conselho dos Responsáveis em caso de sua ausência ou temporário impedimento.

88. Conselho dos Responsáveis

O Conselho dos Responsáveis é o âmbito comum ordinário no qual mensalmente são avaliadas as iniciativas, propostas, abertura de atividades e a gestão das várias obras da Comunidade. Representa, como previsto pelo art. 14 do Estatuto, o órgão de decisão no qual são feitas todas as deliberações necessárias, confirmadas pelo Responsável Geral nos termos do art. 12, letra e.

O Conselho dos Responsáveis delibera sobre correta interpretação do Estatuto e aprova Regulamentos que devem ser atuados sobre cada específico argumento.

Para tornar concreta a escolha de caminhar sempre mais como única família espiritual, o Conselho dos Responsáveis individua todos os meios possíveis para que sejam presentes todos os Responsáveis Províncias, também através de serviços de teleconferência.

Os membros da Comunidade podem exprimir suas indicações a respeito das questões sobre as quais o Conselho dos Responsáveis retém oportuno interpelá-los, utilizando também instrumentos informáticos.

O Conselho dos Responsáveis deverá levar em conta normalmente as indicações dadas pelos membros da Comunidade.

Para que toda a Comunidade tenha conhecimento das decisões tomadas, o Secretário do Conselho dos Responsáveis prepara, além do Verbal que deve ser transcrito nos devidos autos, um verbal analítico colocado à disposição dos componentes do Conselho dos Responsáveis e um verbal sintético que será colocado a disposição dos membros através do próprio Responsável Provincial.

CONCLUSÃO

89. A instituição a serviço do carisma

Atentos afim que a instituição seja sempre a serviço do carisma, como Comunidade queremos permanecer abertos ao Espírito que suscita sempre no nosso meio novos profetas, dependendo das necessidades do momento, através da vida de partilha direta e à sequela de Jesus, pobre e servo.⁶⁹

Padre Oreste Benzi, fundador da *Comunità Papa Giovanni XXIII*, sacerdote da Diocese de Rimini, evidenciou na sua vida como a Igreja circunda de afetuosos cuidados os pobres através da partilha direta e da remoção das causas que provocam a marginalização.

Evidenciou o dom dos carismas no povo de Deus suscitados pelo Espírito Santo.

Seguir Jesus pobre e Servo na comunhão com os

69 Cf. Homilia de padre Oreste Benzi do dia 08/01/2000

nossos Bispos é um dom que deve ser acolhido com gratidão e consolação.

Foi «incansável apóstolo da caridade»⁷⁰ para levar o evangelho no mundo inteiro aos pequenos e aos últimos, prediletos do Pai Celeste.

Maria foi sua mamãe, a qual se entregava nas provas com alegria e gratidão.

Toda a Comunidade bendiz Deus por esta testemunha da comum vocação à santidade.

⁷⁰ Assim definido por Papa Bento XVI no texto do telegrama enviado através do Cardinal Tarcisio Bertone no dia 2 de novembro 2007